EU SOU A VIDEIRA

Copyright © 2017 Marcelo Almeida

Editora VIDEIRA

Editora associada à ASEC – Associação Brasileira de Editores Cristãos

Diretor geral Aluízio A. Silva

Diretor executivo Radamés Adão

Diretor de Arte Robson Júnior

Impressão Gráfica Flex Gráfica

DIREITOS RESERVADOS É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 48 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2017

EU SOU A VIDEIRA

O modelo de Jesus para a edificação de uma igreja apostólica



MARCELO ALMEIDA

FPSG
PUBLICAÇÕES

Eu sou a videira
Categoria: Vida cristã / Biblia / Cristianismo

Copyright © 2017 Marcelo Almeida
Todos os direitos reservados

1ª edição Dezembro de 2017
Diagramação Robson Júnior
Capa Robson Júnior

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Almeida, Marcelo, 2017
Eu sou a videira / Marcelo Almeida. – Goiânia: Editora Videira, 2017

1: Vida cristã 2: Bíblia 3: Cristianismo 4: Título
CDD : 230/240

Índice para Catálogo Sistemático:
1: Vida cristã: Bíblia: Cristianismo 230/240

Editado e publicado no Brasil por:
Fome por sua glória
Avenida T-3, Qd. 43 Lt.20 - Ed. Vaz - Setor Bueno.
CEP: 74.215-110
Goiânia–GO–Brasil

FPSG
PUBLICAÇÕES

Sumário

	Dedicação	09
Capítulo 1 -	O momento histórico em que vivemos	11
Capítulo 2 -	Através de muitos, e não de um só	21
Capítulo 3 -	Uma breve retrospectiva	25
Capítulo 4 -	O movimento de restauração da igreja	31
Capítulo 5 -	O chamado de volta ao Novo Testamento	37
Capítulo 6 -	Videira ou cedro?	43
Capítulo 7 -	Apostolado ou papado?	49
Capítulo 8 -	Forma ou conteúdo?	53
Capítulo 9 -	Pais ou patrões?	57
Capítulo 10 -	Discipulado ou gerência?	63
Capítulo 11 -	Significado ou rendimento?	67
Capítulo 12 -	Glória de Deus ou glamour do homem?	71
Capítulo 13 -	Antioquia ou Roma?	75
Capítulo 14 -	Servir ou servir-se?	79
Capítulo 15 -	Unidade ou uniformidade?	85
Capítulo 16 -	Referência ou normatização?	91
Capítulo 17 -	Inclusivos ou exclusivos?	95
Capítulo 18 -	Professorais ou inspirativos?	99
Capítulo 19 -	Ortodoxia ou dogmatismo?	101
Capítulo 20 -	Ir mais rápido ou ir mais longe?	103
Capítulo 21 -	Generosidade ou monopólio?	107
Capítulo 22 -	A maldição dos moveres de Deus	109

Dedicatória

A todos os irmãos que anelam por uma igreja genuinamente apostólica, que traz toda a glória aos pés de Cristo Jesus, o nosso Viticultor.

"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor. Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta; e toda vara que dá fruto, ele a limpa, para que dê mais fruto. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira; vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos."

(João 15.1-5,7,8)

Capítulo

1

O momento histórico em que vivemos

Estamos vivendo a chance histórica de não apenas plantar milhares de igrejas em nosso país, mas também ver isso acontecendo em dezenas de nações. O Senhor tem nos dado uma visão maravilhosa de plantação e crescimento da igreja. Espero que você perceba e valorize a somatória de influências que temos recebido até aqui e o que o Senhor tem realizado entre nós. Poderíamos ter parado quando já havia igrejas com milhares de membros e crescendo exponencialmente, mas o encargo por algo maior que impactasse as nações nunca saiu do nosso espírito. Deus produziu em nosso coração uma fé para o crescimento e por igrejas consistentes e bíblicas.

A experiência das células veio como uma ferramenta prática para treinar líderes, ganhar almas e, assim, levar a igreja a avançar. Mais do que um mero esquema de crescimento, era o Senhor restaurando valores inegociáveis da igreja apostólica entre nós, conduzindo-nos nesse processo de restauração e retorno ao modelo de Atos dos Apóstolos.

Junto a tudo isso, uma fortíssima convicção de que nós não podíamos, não deveríamos e nem seríamos uma denominação. Especialmente que não sufocaríamos lideranças ungidas que surgissem entre nós, que jamais bloquearíamos o potencial de líderes, pelo contrário, seríamos uma família de igrejas que investe, promove e viabiliza os sonhos das pessoas. É o contrário de denominações em que o sonho que prevalece é o da denominação, ou certos ambientes "apostólicos" nos quais o "apóstolo" nada mais é que um "Faraó" usando mão de obra – seus pastores –, a fim de construir sua própria pirâmide.

Em igrejas independentes, o sonho posto em prática é o do pastor local, do apóstolo ou da denominação. Todavia, em uma rede apostólica, que é aquilo que nos dispomos a edificar, é o inverso: nós, ministérios, existimos para viabilizar o sonho de cada líder e cada pastor. Qual é o seu sonho? É nesse ambiente que você será treinado para alcançá-lo, terá ferramentas em suas mãos e aprenderá a formar equipes, fazer projetos, tomar iniciativa, plantar igrejas. Desejamos ajudá-lo a levantar uma equipe sólida, a descobrir e liberar os recursos necessários para viabilizar a concretização desse seu sonho.

Nós temos a chance histórica de causar um grande impacto em nossa geração se superarmos os obstáculos logo à frente. Temos a chance real de ver o Senhor edificando a videira de João 15 se não

incorrermos nos mesmos erros que gente sincera, bem próxima de nós, cometeu. Sabemos que o resultado da obra que você colherá é consequência direta do modelo de igreja que você tem internalizado dentro de si. Se esse seu modelo interno é medíocre, será isso mesmo que você reproduzirá onde for e especialmente no campo missionário: uma obra medíocre. Infelizmente, a maior parte dos líderes só faz essa avaliação no fim da vida. Quanto desperdício!

Temos, de fato, uma chance histórica de ir além do que outros fizeram, sem privilégio nenhum, sem mérito nenhum nisso. O que nos leva a esse lugar é uma atitude de valorizar cada mover de Deus, de aprender com quem está fazendo sem vender princípios e negociar a glória de Deus. O que você alcança como igreja hoje é consequência de ter ido atrás para aprender de outros. Fomos atrás de cada parte do grande quebra-cabeça, fomos atrás do discipulado, buscamos aprender de Deus na implementação pioneira das células, perseveramos e não mudamos de visão a cada cinco anos. Isso explica parte do que o Senhor fez.

Esses componentes todos foram produzindo uma visão realista com princípios e processos tangíveis. E, como toda visão, uma prática será requerida. Qual? Aprender a ganhar almas, consolidá-las integrando-as na vida da igreja, transformar seguidores em discípulos e discípulos em líderes que se multiplicam, formar equipes que mudam a realidade do lugar onde estão dando respostas práticas para solucionar problemas práticos. Em longo prazo, isso poderá trazer uma consequência ainda maior: uma geração, uma sociedade e nações transformadas.

Tudo muda quando ganhamos almas às centenas de milhares, restauramos famílias, ganhamos viciados e prostitutas, damos propósito a dezenas de milhares de jovens e, como Jesus fez, lhes

damos uma razão existencial. Temos visto igrejas que começaram com vinte discípulos e agora passam a congregar duzentos, dois mil, vinte mil. Um movimento que esparrama centenas de igrejas, milhares, dezenas de milhares congregando milhões de membros, causando impacto real numa geração e em nações inteiras.

Desejamos ganhar discípulos na academia e nas ciências, na mídia, entre empreendedores, nas artes, nos esportes, nas finanças e líderes em cada espectro social e levá-los a ser cheios do Espírito Santo. Um Mover genuíno do Espírito Santo tocará necessariamente todos os nichos sociais. O resultado disso em longuíssimo prazo é uma mudança geracional genuína.

A cultura estará mudando – porque as estruturas de valores, paradigmas e pensamento de um povo mudou –, influenciada pelo poder transformador do evangelho. Na história da igreja, houve muitos momentos em que exatamente isso aconteceu e nações foram afetadas. Temos novamente diante nós a mesma chance. Sabemos que uma visão e um ensino pedem uma prática. Uma prática produz um perfil. Esse perfil manifestará consequências definitivas na vida de milhões de pessoas.

Estamos, portanto, diante de uma chance. Ao olhar para aquilo que temos nas mãos como igreja, esse grande potencial, você tem a chance de ir mais longe do que nós mesmos fomos. Você estará sentado em um camarote, observando e avaliando todas essas opções. Você é um observador de todos esses modelos que estão desfilando hoje em sua frente: o modelo denominacional convencional, o modelo de igrejas independentes ou o modelo de uma rede apostólica.

Assim, pode escolher hoje se quer ser um líder em uma igreja paroquial herdada de alguma denominação histórica, na qual,

durante toda a semana, atendem-se as velhinhas e comem-se biscoitos e chá, faz-se funeral, celebram-se casamentos, dirige-se a escola dominical, participa-se do conselho administrativo da igreja para eleger a mesa administrativa com mais do mesmo, e por aí vai. Você pode ainda pôr a sua vida num projeto pessoal de ministério independente e viver algo com alcance restrito, seguro, garantido. Mas será que é isso que Deus deseja fazer hoje através de você? Será que a igreja é só isso?

Você tem a escolha de poder fazer acontecer o seu grande investimento existencial, pode entender que temos a chance real de afetar sociedades, nações e a vida de incontáveis pessoas em um âmbito muito maior e geral, muito mais completo, impactando esta geração. Não estou questionando aqui se o seu modelo e visão são bons ou não, estou questionando se ele é inteiro, completo, geral, não restrito e que aponte para o modelo neotestamentário de igreja que glorifica a Jesus. Por que eu colocaria minha vida em algo que vai causar um impacto limitado se posso fazer algo muito mais abrangente, muito mais amplo, causando maior glória para Cristo? Você precisa se maximizar! Esta é uma palavra sensível. Deve maximizar o alcance da sua vida.

Se eu posso causar um impacto maior pela única existência que eu tenho, por que optaria por alguma coisa de menor efeito, impacto e consequência? Quando falamos que estamos vivendo momentos muito preciosos, estamos falando da chance histórica de fazer o que ninguém fez antes. Todo ensino pede uma prática, produz um perfil e vai gerar uma consequência no fim para a sua vida e para a história que você está escrevendo. Por isso, volto a perguntar: Onde e em que você está apostando a sua única

existência? Qual o seu modelo de igreja? Ele o levará a crescer? Estamos edificando a videira de João 15?

Um dos aspectos na família de igrejas que temos é que todos são discípulos. Estamos discipulando esta geração para causar impacto, e isso é totalmente consciente. Temos um alvo explosivo até 2020, e isso não depende de um único líder poderoso sentado em um trono com o cetro na mão. Isso vem na base da mesma visão, do postulado básico das células de que cada crente é um ministro e tem um potencial e um chamado.

À medida que se deflagra esse processo nas nações, criamos um movimento de avanço exponencial. Uma coisa é o movimento de somatória pelo qual 10 + 10 = 20, outra coisa é você colocar 10 como base e 20 como potência, o impacto são ondas e ondas de crescimento em escala geométrica. Este é o real poder da igreja deixada por Cristo, que causou uma autêntica revolução nos primeiros séculos do cristianismo. Perseguidos, sem recursos, enfrentando inimigos de todo tipo, sob ameaça de morte, conseguiram o impensável: conquistaram o Imperio Romano sem armas e sem sangue. Que poder é esse?!

A questão principal aqui é que não estamos falando de algo que depende de um único líder, do presidente da organização. Essa visão não depende de um líder local, ela é poderosa porque libera potenciais individuais de liderança por toda parte. Qualquer líder e qualquer pastor pode crescer e desenvolver uma unção apostólica cheia de êxito e fruto. Estamos aqui para investir, não para usar e sufocar.

Qual é, portanto, o seu sonho? Qual é o seu chamado? Onde você quer chegar e o que você quer fazer para Deus? Talvez não seja fácil responder a essas perguntas, porque são questões interiores.

Mas o crucial é: do lugar onde você está hoje, você tem a chance real de fazer algo que causa impacto? As ferramentas necessárias para você gastar sua única vida, dedicar-se e fazer seu ministério acontecer são compartilhadas pelos líderes que o lideram? O modelo, a visão nos quais você está inserido lhe proporcionam investimento através de um discipulado efetivo, abrem oportunidades, investem em sua vida, inspiram sua existência, maximizam o seu tempo, aproveitam a sua juventude, usam a sua inteligência, respeitam o seu potencial, engajam a sua capacidade de liderança em algo que explora tudo o que você tem? Isso tudo é muito precioso e é essa uma grande questão a ser enfrentada aqui e já!

Uma visão que tem sido muito praticada em nossos dias é a chamada "visão apostólica". Na verdade, há duas vertentes, duas frentes que são tidas como "rede apostólica". Uma é nefasta, é o pior retrocesso, e a combatemos veementemente através da visão celular: o clericalismo. É um sistema no qual o líder da obra é considerado muito maior do que propriamente é. O clericalismo faz uma distinção muito grande entre o povão, ignorante, que não tem nada, e o pastor sacrossanto, especial, ungido, maravilhoso, que tem dons que ninguém tem, uma unção extraordinária que ninguém mais tem.

Isso se expressa também através de líderes tóxicos que vão se deixando endeusar. Lentamente, tornam-se pessoas avessas a relacionamentos, gente arrogante e professoral, que precisa ser o centro das atenções o tempo todo, precisa ter a razão sempre e saber de tudo em todo lugar. Líderes personalistas, ultracentralizadores e autocráticos. Gente assim não pode ser duplicada e é a nova versão do pior do clericalismo. São líderes que inibem e gostam de deixar

todos reféns de sua personalidade ameaçadora. Pelo amor de Deus! Isso é o pior do clericalismo.

Assim como alguns povos do passado carregavam o rei nas costas, há certas igrejas que carregam um pastor ou apóstolo assim da mesma forma. Ele é o grandioso, inacessível, um "quase deus" maravilhoso demais, insubstituível demais. Eu temo por gente assim que deixou de ser "videira" para tornar-se "cedro". É tão grande, tão ungido, que não dá nem para imitá-lo, só segui-lo. Isso é o clericalismo mais sórdido e um retrocesso na vida da igreja.

Esse modelo apostólico é devastador, porque gera igrejas com denominações muito duras, fechadas e piores do que aquelas antigas e históricas. Formam uma rede de igrejas que, para viabilizar o sonho da figura clerical – o "Bispo-Apóstolo-Patriarca"–, gera uma igreja totalmente exclusivista. Isso é terrível. Quem é pastor numa estrutura dessas jamais vai receber o poder do investimento de um discipulado genuíno. Jamais receberá investimento no potencial individual e de multiplicação.

Esta será sempre uma estrutura limitada porque o referencial que possuem é unicamente desse apóstolo solitário, imperial. Modelos assim são piores do que as denominações enrigecidas que tais "modelos apostólicos" vieram a substituir. A tendência de todas elas é ser uma "igreja-empresa", onde os líderes locais são meros funcionários medidos pelo que rendem.

Pastorear igrejas nesse modelo de estrutura é muito difícil, sufocante e limitador, pois tudo foi pré-definido na "Sede", e a normatização é muito rígida e alcança todas as áreas da igreja. O tal Bispo-Apóstolo abre uma igreja aqui, outra ali, no modelo "Franquia", e toda segunda-feira, a tesouraria da "Sede" arrematará

todo o dinheiro arrecadado nas localidades. Aqui os pastores locais foram reduzidos a meros "apertadores de parafusos".

Na maioria dessas denominações, o escritório central vai lançar as quatro campanhas do mês, elaborar o que o pastor precisa fazer e dar a direção para todos os projetos das igrejas. Dessa forma, o pastor não tem liberdade para nada. Qualquer líder de potencial e mínima inteligência não ficará nesse ambiente sufocante. Isso produz nesse tipo de obra uma enorme rotatividade no seu quadro de líderes e pastores.

Se você está envolvido nessa estrutura, a única chance de fazer alguma coisa é sendo o apóstolo que está "no topo da cadeia alimentar", aquele que dita as regras. Que tristeza! Alguns chamam isso de "igreja apostólica", mas, de fato, esse modelo duplica o pior tipo de clericalismo, porque impede as igrejas e os pastores locais de desenvolver seu próprio pleno potencial.

Devemos continuar o processo de restauração da igreja tendo como modelo a igreja primitiva ou sob a influência da tradição apostólica do primeiro século. A palavra "primitiva" tem a ver com a igreja apostólica de Atos, na qual cada crente funcionava como um ministro e qualquer um que cria liderava, operava sinais e maravilhas e o potencial de cada crente era liberado. Todos curavam enfermos, expulsavam demônios, faziam milagres extraordinários. Se nós queremos experienciar uma obra verdadeira assim, devemos nos voltar para a igreja primitiva, devemos edificar uma igreja de vencedores que desenvolve uma liderança apaixonada, que pode ser transmitida e multiplicada de uma forma clara e objetiva abrindo horizontes em vez de fechá-los.

O outro modelo apostólico que vemos sendo praticado é descrito em Efésios 4, no qual cada crente desempenha o trabalho na

igreja, desenvolvendo seu aumento, seu crescimento. Isso, então, fecha a questão, resolve a equação do crescimento. Um apóstolo assim é um liberador de potencial, um abridor de caminhos, um investidor obstinado no "talento" de cada cristão. Ele desperta, treina e ativa os crentes. Amplia horizontes.

É outro paradigma de líder, o qual está envolvido com o povo e é totalmente relacional. Esse líder sabe que precisa estar preparado para treinar cada crente, cada casal, cada jovem, cada homem e mulher da igreja, fazendo dela uma "power house" que lança sonhos, visões e destinos. Ele é gerador de oportunidades, um viabilizador de vocações, de chamado e de treinamento adequado. Eu oro para que você esteja envolvido numa obra assim, sendo você também alguém que leva outros a descubrir, treinar e liberar o seu próprio potencial.

Capítulo

2

Através de muitos, e não de um só

Houve uma época em São Paulo em que estávamos na televisão. Eu parecia com um artista da mídia. Os irmãos chegavam e diziam: "Nossa, pastor, o senhor está na sala da minha casa todos os dias!" As pessoas ficavam naquela expectativa de ver "o pastor da televisão, o pastor estrela", e assim tudo dependia de mim. Organizávamos uma conferência e enchia de gente; lançávamos um curso e logo lotava. Mas este não era o nosso principal desafio, mas levar a igreja a entender sua posição pessoal, individual, entender que cada crente é um ministro, tem um potencial, pode experimentar de Deus pessoalmente, tocar a presença de Deus. Experimentar do Deus residente, desenvolver seu próprio potencial em liderança

e parar com aquela tolice de achar que o pastor é alguém mais especial do que eles mesmos.

Qualquer pastor que tiver êxito em levar a igreja realmente a crescer, multiplicar liderança, adquirindo uma influência crescente na cidade e, além disso, administrar um orçamento vultoso, terá a tendência de achar que é mais especial do que os demais. Ledo engano! Isso é uma tentação venenosa, porque, se você se deixar levar, estará caindo pelo mesmo processo que muitos caíram. Em vez de compartilhar a liderança, levar as pessoas a fluir e frutificar naquilo que Deus as chamou para fazer, você entrará no caminho inverso e será como o pastor que as pessoas "carregam", o "papa" que está no trono da nova Roma. Isso é horrível, isso é nefasto, porque as pessoas serão impedidas de avançar devido a esse modelo anti bíblico.

De fato, o líder é a pessoa fundamental para levar a igreja a assumir sua posição para crescer, desenvolver potenciais, lideranças e seus próprios projetos no serviço do reino de Deus. Na verdade, nós somos facilitadores com uma imensa responsabilidade. O líder é o fator que facilitará o surgimento de novos líderes. Entretanto, ele pode cair na tentação de ser o único que escreve livros, que prega em seminários, a grande estrela da televisão, o articulado, o inteligente, admirado e cheio de influência. No dia, porém, em que ele morre, a igreja acaba, envelhece, declina, entra numa espiral de decadência, torna-se aquele mausoléu do passado, porque não haverá ali ninguém para substituí-lo. Isso é uma desgraça completa: um grande líder que não tem sucessores.

Deus nunca trabalha construindo uma igreja por meio de um homem só. Olhe a equipe apostólica de Jesus, havia uma razão para haver doze. Jesus treinou doze! Por que Ele não andou com

um único discípulo? Por que doze? Olhe a igreja primitiva, a quantidade de ministérios apostólicos daqueles dias, atente nos grandes moveres de Deus que fizeram história, que marcaram e permaneceram. Algumas denominações que nós temos até hoje não dependiam de um homem só. Quando nós ouvimos a história de John Wesley e dos metodistas, por exemplo, ficamos sabendo que não era só ele, havia pelo menos quatro irmãos com poderosa influência naquele mover de Deus junto com ele.

Se o líder entende qual é a sua posição dentro do corpo de Cristo, ele realmente é o grande fator de edificação da igreja no modelo bíblico. Ele saberá que, para o bem da obra de Deus, deve diminuir para que outros cresçam, deve ungir e levantar outros, treinar irmãos para ouvir de Deus tanto quanto ele mesmo ouve, a pregar e ministrar palavras poderosamente inspirativas como ele prega. O líder que deseja um crescimento constante e que avança sem limitações à medida que as décadas chegam deve saber renunciar à glória humana, ao poder e ao protagonismo exagerado que sufoca, impede e inibe o levantar de outras lideranças.

Capítulo

3

Uma breve retrospectiva

O primeiro tipo de gente que vai embora quando a igreja se torna morna são os jovens. Jovem não aguenta mornidão e mesmice, não suporta desperdiçar tempo e energia com aparências. Conheci uma igreja protestante histórica, na qual os jovens estavam morrendo espiritualmente. Inquietos com a situação de decadência espiritual, começaram a orar e a buscar a Deus, e isso produziu um grande abalo. Deus batizou todos eles com o Espírito Santo. Em consequência disso, foram todos expulsos da sua denominação.

Esses jovens foram expulsos porque oravam e estavam subvertendo a tradição daquela denominação, cuja teologia, visão e liturgia estavam sedimentadas há séculos. Queriam orar e desejavam fazer isso de um modo novo para os padrões que caracterizam aquela estrutura de quinhentos anos. Queriam subverter a liturgia

reformada já fundamentada desde João Calvino, introduzindo componentes contemporâneos aos ultrassacralizados "himnos" perfeitos em poesia, métrica e teologia. E pior: queriam introduzir as práticas emocionais, esquisitas, imprevisíveis dos pentecostais ao racional ambiente calvinista. Resultado: foram todos postos no olho da rua.

Foi assim que começou a igreja local na qual me converti. Aquele foi um mover genuíno e extraordinário. Não foi apenas ali onde isso aconteceu. No geral, as igrejas protestantes, históricas, batistas, presbiterianas, luteranas, metodistas, que tinham recusado o avivamento pentecostal do início do século XX foram sistematicamente visitadas por Deus. Aquela gente preciosa começou a ser batizada pelo Espírito Santo e as pessoas começaram a experimentar uma genuína revolução espiritual. Todo o Brasil foi balançado por essa experiencia. Grandes igrejas surgiram nessa época. Muitos movimentos dentro e fora do Brasil começaram naqueles dias. Aquilo aconteceu em escala planetária. Deus estava operando naquele avivamento. A presença de Deus era algo muito forte, muito real e muito genuíno. Mas era só isso, nada mais além daquelas experiências marcantes com a pessoa do Espírito Santo. Muitas questões cruciais, entretanto, permaneciam. Para onde levar a obra? Qual modelo eficiente de evangelismo e discipulado? Vamos reproduzir o mesmo sistema templista e clerical dos protestantes que jamais enxergaram esse desafio? Não havia respostas para questões desse tipo. Algum tempo passou, aquela ênfase passou, e no fim da década de 80, início de 90, Deus veio com outro sopro.

Por uma nítida direção divina, após cinco anos naquela igreja, tornei-me membro de outra denominação na periferia de Goiânia, que possuía um pastor jovem muito carismático, cheio de visão e

que proclamava esperar "uma grande obra" do Espírito de Deus naqueles dias. Ele desafiava, inspirava e despertava os jovens a aguardar por uma obra que tocaria as nações. Movido por aquela profunda convicção divina e pelo desejo de aprender de Deus, passei a congregar naquela dinâmica igreja. Na ocasião, éramos umas duzentas e cinquenta pessoas ali. O pastor pregava e permitia o tal "fermento carismático" naquela denominação protestante com viés tradicional, convencional e sem nenhum plano de mudança.

O modelo tradicional de igreja, como todas as demais denominações históricas, parte do mesmo pressuposto de que atingiram a perfeição estrutural, teológica, litúrgica e funcional e já não precisam de nenhuma reforma, avivamento ou restauração. Ali está tudo pronto. As pessoas comportam-se exatamente como a Igreja Católica Romana: se alguma mudança precisou ser feita, isso aconteceu há séculos.

Depois de algum tempo, aquele nosso pastor se desligou da denominação e toda a igreja o seguiu. Queríamos avançar, crescer, nos contextualizar ao que Deus estava fazendo naqueles dias. Assim, a igreja avançou muito, muitos foram salvos, transformados e cheios da presença do Senhor. Aquele foi um tempo de avanço e crescimento objetivos. Dentro de uma ortodoxia bíblica, no tocante às colunas doutrinárias evangélicas, estávamos também vivendo um tempo de genuíno despertamento espiritual.

Irmãos que rejeitaram isso tendiam a desmerecer, criticar e ser profundamente injustos com esse momento da igreja nos anos 70 e 80. Frequentemente, ouço críticas reduzindo esse movimento soberano de Deus a mero "fogo de palha", ou emocionalismo barato e inconsistência bíblica. Eu estava lá e sou fruto disso. Éramos jovens apaixonados por Jesus, evangelizávamos e tínhamos um estilo

de vida santo e totalmente consagrado a Deus. A consequência direta desse movimento está nas estatísticas: aproximadamente quatro quintos da igreja evangélica brasileira é hoje de origem pentecostal e carismática.

Irmãos tradicionais vão replicar, dizendo que a qualidade dos tais crentes é fraca e que muitos exageros se cometem em nome de Deus. Isso é verdade em inúmeros casos, infelizmente. Mas as críticas destes, não os afastam do modelo de cristianismo secularizado, estagnado e decadente que as denominações históricas experimentam em muitos casos. Como igreja de Cristo, portanto, estamos todos no mesmo barco confrontando essas imensas contradições.

Nosso ponto aqui é: se desejamos edificar no modelo neotestamentário de João 15, devemos estar abertos para aprender com outros irmãos sem cristalizar uma postura arrogante. Se queremos crescer, devemos estar abertos para rever métodos, estruturas e adquirir habilidades que não temos em nós mesmos. Os seminários tradicionais treinavam candidatos ao ministério pastoral apenas para púlpito, gente incompetente para liderar. Esse tempo acabou!

No dia a dia da obra, vamos nos deparar muitas vezes com nossas limitações. Uns são limitados em liderar; outros, em se relacionar; outros, em inspirar. Há muitas habilidades-chave que nunca serão desenvolvidas em aulas de homilética, hermenêutica, teologia sistemática ou desenvolvimento da personalidade. Por isso, não acreditamos em formação pastoral livresca sem paternidade espiritual, sem discipulado sem referenciais de ministério.

Após alguns anos nos deliciando no tal avivamento carismático, começamos a ser incomodados com a convicção de que Deus desejava mais que reformar a igreja. Entendemos que Deus deseja restaurar a igreja ao modelo do Novo Testamento. Afinal, era muito

mais que devolver à igreja o batismo no Espírito Santo e os dons espirituais, como pregavam os carismáticos. Deus queria restaurar tudo. Todo o lento movimento histórico de séculos, no qual Deus operava usando esta ou aquela denominação, era prova disso.

Percebemos que isso se dava através de mudar a forma de culto, de louvor. Envolvia novos critérios para constituir líderes, para os quais caráter e espiritualidade fossem uma condição inegociável com uma nova liturgia cheia de espontaneidade, fervor e manifestação da presença de Deus. Esse modelo de igreja envolvia uma nova maneira de ensinar as Escrituras, que privilegiava a vida, a experiência nas verdades aprendidas e a iluminação da Palavra de Deus no coração do crente, em vez do ensino seco para mero acúmulo de informações intelectuais estéreis. Envolvia um novo estilo de líder, mais relacional e menos cerimonial, mais humilde, inspirativo e que expressasse mais a cruz de Cristo e menos o modelo frio-acadêmico-clerical-professoral, característica das missas católicas responsáveis por "repetir repetições repetitivas" e ensaiadas, bem como nos cultos gelados de algumas igrejas protestantes irrelevantes, dessas que infelizmente se fecham às dezenas em diversos países.

Querendo aprender e desejando sinceramente crescer, sem termos consciência disso na época, começamos a causar enorme desconforto ao nosso querido pastor. No afã de avançarmos, tínhamos dele a autorização de ir buscar as próximas etapas com a sua bênção, mas ele mesmo, como nosso líder, não iria à frente. Assim, fui fazer escola bíblica entre irmãos que experimentavam um tremendo mover de Deus. Minha igreja tradicional, com a bênção do pastor, me enviou para fazer o meu treinamento no seminário mantido pela florescente Comunidade Evangélica de Goiânia.

Aquela igreja recebera muito de irmãos americanos que vinham daquela vertente de restauração. Milhares de líderes foram incendiados e treinados, um louvor e adoração poderosos que manifestavam a maravilhosa presença de Deus e um modo pragmático de estruturar a igreja foram algumas das heranças deixadas por aquele genuíno mover de Deus. Na Comunidade, muito da experiência de igrejas americanas vivas e poderosas fora transferido para pastores que se mantinham abertos ao que Deus desejava realizar. Em pouco tempo, um turbilhão de novas práticas mais vivas, mais consistentes e pragmáticas começaram a fluir entre nós.

Como jovens solteiros que éramos, começamos a desejar viver a experiência do discipulado, queríamos grupos pequenos que fossem foco de avivamento cada um. Desejávamos genuinamente a manifestação de Deus em nossos cultos e durante a adoração congregacional. Queríamos tanto de Deus que começamos a intensificar aquela busca com jornadas perseverantes e consistentes de jejum e oração por dias seguidos; noutras ocasiões, semanas seguidas; até que, pela primeira vez, jejuamos quarenta dias quebrando o jejum diariamente com uma só refeição. Orávamos juntos, liberávamos uma fé pura pela materialização das coisas que o Senhor ia colocando em nosso coração.

Éramos apaixonados, poderosamente motivados e inspirados para receber de Deus um novo paradigma. A oração nos deu consistência, e nossos cultos, desde o fim da década de 80, começaram a atrair literalmente centenas de pessoas que compartilhavam da mesma fome. O que você percebe por trás de tudo isso? Queríamos aprender, estávamos dispostos a pôr o orgulho de lado e ir a qualquer lugar, aprender de qualquer um que tivesse o que nos ensinar. Onde houvesse consistência, realidade espiritual e avanço do reino de Deus, estávamos lá para aprender.

Capítulo

4

O movimento de restauração da igreja

Aquele outro sopro após o avivamento carismático a que me referi falava do manifestar da presença de Deus de maneira inédita, maravilhosa e profunda. Tinha a ver com Deus restaurar os cinco ministérios de Efésios 4.11, dos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. Falava de Deus restaurar a igreja na revelação da Palavra. Mais do que uma palavra teologicamente bíblica, mas sermos encharcados com uma palavra inspirativa, profunda, aplicável, pragmática. Críamos na unidade da igreja e num avivamento sem fronteiras.

Éramos todos jovens e investimos tudo o que tínhamos naquele mover soberano do Senhor. Quantas vezes sua glória manifesta

nos surpreendia e adorávamos por horas e horas a fio, embebidos naquela maravilhosa presença de Deus! Esta foi outra manifestação poderosa que fez surgir milhares de Comunidades. A igreja avançou muito e vimos muitos modelos surgindo. Modelos de igrejas, de liturgia, de liderança, discipulado e modelos de cobertura espiritual.

No primeiro avivamento a que me referi, o avivamento carismático, não havia nada disso. A ênfase era exclusivamente sobre o batismo do Espírito Santo e os dons espirituais. No segundo mover de Deus, já havia uma percepção de igreja com propósito de afetar toda aquela geração. Esse segundo grande mover foi enorme referencial para nós na Videira e na Vinha em muitas coisas. Na sua limitação, entretanto, quanto à formação de líderes, o máximo a que se chegou foi a um entendimento de cobertura espiritual pouco pragmático e objetivo.

Ao trazer aqueles princípios, isso causou uma imensa revolução naquela igreja tradicional onde servíamos. Experimentamos um tremendo crescimento em qualidade num grupo de jovens apaixonados e profundamente comprometidos com Deus. Logo, descobrimos que aquela estrutura denominacional era apertada demais para nós. Diante disso, algumas vezes nos pegamos querendo forçar nosso pastor a ser o que ele não era. Tentávamos trazer uma visão que não era a sua. Forçávamos as coisas, desejando levar toda aquela estrutura a um lugar ao qual outros líderes dali não queriam ir. Era "o rabo querendo abanar o cachorro", a orquestra querendo reger o maestro, os soldados comandando seu general.

Sofremos muito com expectativas frustradas que nunca se concretizavam e fizemos sofrer aqueles líderes tão queridos sob quem Deus nos colocara. Não tínhamos consciência disso e nem maturidade para enxergar essas coisas naquela época. Queríamos

liderar nosso líder. Este era o ponto. Estávamos dentro de uma estrutura apertada demais para nós. Tudo o que fazíamos incomodava e levantava inúmeras contradições e suspeitas naquela estrutura.

Havia a corrente dos místicos, dos "deixa do jeito que está", dos que anelavam apenas por missões e aqueles que competiam conosco por espaço, por inveja ou por discordância sincera. Aquele presbitério era uma colcha de retalhos. Os critérios para constituir liderança não eram claros. Assim, frutificação nunca foi a exigência fundamental para alguém ser ordenado pastor naquela igreja. Todos os critérios eram turvos. Por isso, muita gente que frutificava era deixada desmotivada. Resolvemos, pois, sair, deixando para trás a igreja que crescera e avançara para mais de quatro mil crentes sob nossa liderança e onde fomos pioneiros na prática das células no Brasil.

Naquele período de aprendizado, enquanto permanecemos ali, Deus gerou em nosso coração uma tremenda fome por alinhar as condições para algo relevante e que impactasse nossa geração. Enquanto estivemos ali, tivemos de vestir estruturas que foram ficando pequenas e extremamente desconfortáveis. Como disse anteriormente, fomos tremendamente abençoados pelos irmãos da restauração, mais diretamente pelos líderes desse movimento que estavam em Goiânia. Aquilo, entretanto, nada tinha a ver com a nossa igreja convencional, que adotara por influência nossa alguns princípios e mais objetivamente um modelo pioneiro de igreja em células, mas que ali nunca se tornara realmente a coluna vertebral daquela obra e daquele pastor.

Por ver as implicações do que é ser igreja no Novo Testamento, não queríamos ser uma denominação, mas uma família de igrejas, inclusiva e cooperando para a edificação do corpo de Cristo.

Entendemos o lugar da autoridade, da honra, da responsabilidade e do não ferir o Espírito Santo entre nós. Recebi pessoalmente o investimento de amor de alguns líderes que me mentorearam à distância, que foram gentis e amorosos comigo. Devo-lhes o que tenho construído. Foram fundamentais ao aumentarem dentro de nós esse depósito de visão, liderança, valores pragmáticos, fé e paixão por Deus. Devo a esses queridos líderes muito do que usamos como alicerce na edificação da Vinha e da Videira. Aprendemos deles, aprendemos dos seus maravilhosos acertos e obviamente aprendemos dos seus erros também.

Você pode perceber que, nesse processo longo, Deus constrói em pessoas que decidiram aprender, superar limitações e pacientemente alinhar condições para algo maior que elas mesmas. Infelizmente, muitos irmãos que foram arautos da restauração, da mensagem da cruz e da presença de Deus na década de 80 negaram tudo isso, formando denominações nas quais a estranha figura apostólica não está ali para despertar, treinar potencial e viabilizar o sonho ministerial dos seus discípulos. Ao contrário, a igreja torna-se instrumento de viabilização do sonho de um homem só: o tal apóstolo.

Esses irmãos queridos que incendiaram a igreja no passado decidiram adotar um estranho pragmatismo e caminhar na antirrestauração, negando tudo que fora ensinado por eles mesmos anteriormente. São responsáveis por milhares de órfãos ministeriais perdidos no meio do caminho e acabaram criando um modelo estranho e autoritário do pior clericalismo, personalista e autocrático. Ao longo dos anos, aprendemos que esse tal ambiente clerical é venenoso e fatal para o crescimento das células e multiplicação de novos líderes e pastores. Esse tipo de estrutura não tem futuro em

países onde cada vez mais líderes servos aprendem a ouvir Deus, a pensar e a comparar.

Um dos movimentos apostólicos – imitação do verdadeiro – fez surgir déspotas arrogantes, distantes e truculentos da pior espécie. São incapazes de ser pais e, na sua insegurança, temendo perder autoridade, estabelecem um relacionamento controlador e sufocante sobre seus discípulos. Por isso, nessa atmosfera de desconfiança e na incapacidade de gerar Eliseus, esses homens transformam a igreja em monarquia, passando o "patrimônio", leia-se: seu "negócio", para alguém com vínculo de sangue: o filho, o genro ou a esposa. Está aqui um dos motivos que leva certos líderes a "sangrar", sempre perdendo muita gente preciosa que poderia contribuir tanto para o avanço da obra.

Ao se dispor a aprender, em algum momento, você deve ser seletivo, deverá escolher por qual caminho andar. Se for fiel a Deus, mantendo motivações santas e uma tragetória coerente, você estará estendendo o alcance da influência do seu ministério geometricamente, exponencialmente. É importante entender que influência precede autoridade, e autoridade precede a conquista e a consolidação da influência.

Assim, um segredo-chave para o crescimento pessoal do líder em todos os seus dons e unções e também para a edificação da igreja é manter-se aprendendo de fontes consistentes, maduras, santas e frutíferas. Devemos ser sempre fator de investimento, promoção, inspiração para os nossos pastores, líderes e filhos espirituais. Não há problemas se nossos filhos fazem mais, se eles chegarem mais longe e ganharem mais notoriedade. Aliás, isso é esperado, visto que o que estão construindo o fizeram sobre o fundamento da

experiência e das lágrimas que já derramamos há décadas antes deles mesmos.

Queremos ser mais família que organização. Queremos ser pais para filhos que se sintam em casa e à mesa sempre. Queremos edificar igrejas que sejam lugares que despertam, treinam e viabilizam sonhos legítimos de ministério. Somente assim teremos uma atmosfera confortável, de confiança e de estímulo para que aqueles que frutificam possam fazê-lo com muito maior consistência. Estamos aqui para entesourar para os nossos filhos e levá-los à certeza de que terão tudo de nós, sempre! Ao fazer isso, sem personalismo, manipulação ou truculência, nós os deixamos completamente livres, mas definitivamente presos por laços de amor.

Depois de tudo isso chegara a nossa vez. Era a nossa vez de continuar a percorrer a jornada de volta ao modelo da igreja de Atos. Retomando portanto a questão inicial, qual é, então, o propósito em cima do qual você e eu estamos trabalhando, investindo, orando, jejuando, nos gastando? Qual é o modelo que representamos e deixaremos como legado para a próxima geração? Isso é algo consciente para você?

Capítulo

5

O chamado de volta ao Novo Testamento

Temos um chamado nobre da parte de Deus para marcar esta geração. Isso não é coisa superficial, é algo muito solene que merece a nossa especial atenção. Há muita gente que se alegra apenas com uma igreja "animada", e muitos de nós somos seduzidos apenas por esse formato: muito movimento, descontração, muito ativismo, mas a grande pergunta é: para onde estamos indo? Temos uma visão dada por Deus e processos muito claros que têm trazido muito fruto. Estamos em trinta e três países e somos duas mil igrejas congregando quase quatrocentas mil vidas. Mas qual é o futuro dessa obra daqui para frente, daqui a quinze, vinte e cinco, cinquenta anos? Qual é o desdobramento de tudo isso que estamos construindo aqui? Nós

queremos ter apenas boas igrejas, que têm recursos financeiros, igrejas modernas, contextualizadas? É só isso? Já há por aí muitas "boas igrejas". É só isso que desejamos?

Deus tem feito tanta coisa legítima entre nós e essa obra tem crescido de maneira assustadora, tremenda. Isso é o favor de Deus, sua bênção. Experimentamos o seu amor, cuidado, um genuíno Espírito de vida e revelação, tanta gente santa e preciosa, uma consistente unidade em função de um chamado muito maior do que nós mesmos, portas abertas e tantas outras bênçãos. Tudo isso é o seu favor. Deus tem nos agraciado com a sua bondade, mas a grande pergunta é: para onde estamos indo com tudo o que temos em mãos? Para onde vamos com esse povo? O que vamos fazer com ele? Para onde estamos levando esse rebanho tão precioso que Deus nos confiou? Para onde você está levando essa obra pela qual é responsável? E para aprofundar a pergunta: o que você está construindo? Você está investindo em quê? Você está colocando a sua vida em quê? Contentamo-nos com algo passageiro? Você se contenta apenas com um frisson de uma movimentada e colorida igreja pop? E o que dizer do modelo apostólico que estamos implementando?

Há aqui muitas coisas implícitas. Por exemplo, uma família que vem para a igreja, um homem jovem, com esposa e seus filhinhos, eles estão dizendo em outras palavras: "Estou colocando minha família debaixo da sua influência, pastor. Para onde o senhor está levando os meus filhos? Para onde está nos levando? Para onde o meu casamento vai caminhar sob a sua liderança?" A pergunta aqui é: andando com você por dez, vinte anos, terá valido a pena?

Igualmente você, líder de célula, está também levando seu povo para algum lugar. Quem congrega na sua célula está dizendo em outras palavras: "Estamos colocando nossa vida em suas mãos". A

pergunta é para você também: "Para onde você está me levando? O que vai fazer comigo? Valerá a pena deixar tudo e segui-lo?" Em um nível mais elevado ainda, podemos nos perguntar entre pastores e líderes: qual modelo de obra é esta onde estou investindo o melhor dos meus dias, todo o meu futuro, onde estou colocando minha energia, minha juventude, minha disponibilidade de tempo, de trabalho, de atenção, de cuidado, de inspiração, de investimento financeiro?

Essas coisas têm implicações muito mais sérias. Estamos caminhando para ser a videira de Jesus, aquela de João 15, ou aceitamos parar onde várias obras das últimas décadas pararam? Modelos de obra que foram referenciais de vida, impacto e crescimento, mas que hoje ninguém deseja repetir. Queremos ser mais do mesmo? Desejamos caminhar rumo ao modelo apostólico do livro dos Atos dos Apóstolos e nisso temos apostado nossa vida. Entretanto, há perigos e barreiras logo à frente. Desejo, neste pequeno livro, levá-lo a algumas dessas barreiras, antecipando, quem sabe, alguns perigos.

Deus não assinou nenhum contrato conosco de monopólio da verdade ou de modelos espirituais de edificação. Assim, essa mesma vertente, esse mesmo movimento de volta à igreja apostólica, essa mesma ação divina está fluindo hoje lá na China, na igreja subterrânea e perseguida, sem denominação e sem placas. Lá, não há Batistas, não há Videira, não há nada disso, e a igreja tem crescido assustadoramente.

Tenho recebido repetidas informações de coisas extraordinárias que Deus tem feito também no irã, mesmo sob pesadíssima perseguição dos crentes. Ainda que cruelmente perseguidos, ameaçados e amedrontados por aquele sistema tão brutal, a igreja iraniana tem crescido de forma subterrânea, escondida. Essa mesma obra do Senhor tem avançado nos quatro cantos do planeta. Aqui no

Ocidente, essa vertente de crescimento através do discipulado e das células, de investir em cada crente para o desempenho do seu serviço, para a maximização do seu potencial tem prosperado e a igreja tem se tornado esse lugar onde pessoas comuns são despertadas para assumir o seu potencial.

Em uma igreja como essa, o que mais conta são os sonhos de cada membro, de cada pessoa, não os do pastor. É o seu potencial, caro irmão, não o meu que, de acordo com a Escritura, deve receber investimento. A função dos cinco ministérios em Efésios precisamente é investir em você para o desempenho do seu serviço, para o seu crescimento até a perfeita maturidade em discernimento, sabedoria e revelação da Palavra, numa espiritualidade pragmática e contagiante. Assim, aqui estamos nós. Mas para onde estamos indo mesmo?

Voltemos ao texto de João 15.1-8, no qual Jesus traz uma figura da igreja usando a simbologia da videira. Esta é a nossa origem. Peço-lhe que esqueça o sentido denominacional e coloque sua atenção no que Jesus está dizendo nessa figura acerca da videira. Ele está dando muitos detalhes da vida orgânica da igreja e está descrevendo como é e como funciona o seu corpo, a igreja. Todos esses aspectos, ramos, caule, galhos, conexões, folhas, frutos, tipo de árvore e seu desenvolvimento natural, tudo isso representa a descrição mais bela de Jesus em relação à igreja na sua forma orgânica. Ele e nós juntos. "Eu sou a videira e vocês são os ramos, vocês estão em mim e eu em vocês!" Essa conexão divina, essa vida de Deus que flui nessa profunda e entranhável ligação é a figura mais extraordinária de como devemos ser a igreja.

"Eu sou a videira verdadeira, e o meu Pai é o viticultor" (Jo 15.1). Em outras palavras, Deus é o dono dessa obra e Ele está cultivando, investindo em todos nós juntos. Jesus está dizendo: "Eu sou a

videira". É uma afirmação forte. No verso seguinte, Ele diz: "Toda vara vinculada a mim e dentro de mim [agora Ele se refere a nós] que não dá fruto ele corta. E toda vara que dá fruto ele a limpa para que dê mais fruto ainda" (v. 2). A seguir, continua falando de mim e de você: "Vós já estais limpos pela Palavra que vos tenho falado. Permanecei em mim e eu permanecerei em vós. Como a vara de si mesma não pode dar fruto se não permanecer na videria, assim também vós se não permanecerdes em mim" (vv. 3,4), ou seja, é impossível ser igreja como um ramo individualista que deseja ir para onde escolhe em detrimento da videira como um todo. Aqui você não tem a liberdade de anunciar o que bem entende, mas apenas aquilo que recebeu do caule. Não há espaço tampouco para praticar o que você deseja em conflito com esse caule bendito. Não interessa quem é você, há um princípio de harmonia a ser praticado para com toda a planta. É preciso respeitar isso para não pecarmos contra a Videira, pecarmos contra o mover de Deus e introduzirmos coisas que fazem a Videira divina sofrer até paralisar o seu crescimento.

Portanto, não é nessa ideologia individualista do mundo lá fora que se edifica a igreja do Novo Testamento. A seguir, Jesus diz: "Eu sou a videira, vós sois as varas. Quem permanece em mim e eu nele esse dá muito fruto, porque sem mim, nada podeis fazer. Quem não permanece em mim é lançado fora, como a vara, e seca. Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras permancerecem em vós, pedirei o que quiserdes e tudo será feito. Nisto é glorificado o meu Pai, que deis muito fruto, e assim [dando muito fruto] sereis meus discípulos" (vv. 5-8).

Fomos enxertados n'Ele. A vida que você tem, o fluir de Deus que está em você, essa seiva santa vem do próprio Jesus Cristo. Nós e Ele somos um. Você está n'Ele e Ele em você. Se esse é o modelo de Jesus para sermos igreja, podemos, a partir desse fundamento,

estudar a Bíblia em outras direções e nos certificar se estamos edificando mesmo a videira de João 15 ou outra coisa.

Agora vejamos algo aqui. A aliança que fizemos no início da Videira e da Vinha foi em função de uma visão e chamado muito claros:

> *"Nosso encargo é edificar uma igreja de vencedores, na qual cada crente é um ministro, e cada casa, uma igreja, conquistando assim a nossa geração através das células."*

Essa afirmação deixa implícita a liberdade, a iniciativa e a garantia do investimento generoso dos cinco ministérios de Efésios 4.11 em cada crente. Está implícito também a aliança que fizemos uns com os outros de investir, treinar, equipar e depois garantir a liberdade de iniciativa e autonomia de cada igreja local e de cada pastor sobre o seu próprio rebanho. Qualquer tentativa de controle usurparia e extrapolaria qualquer mandado que temos da parte do Senhor. Está da mesma forma implícita na aliança que fizemos o investir e gastar nossa vida em uma obra genuinamente apostólica, sem personalismos, autocracias ou tentativa de controle, monopólio ou constrangimento de um centro de influência apostólico sobre outros.

Nossa unidade deve ser mantida pelo amor, pela honra para com aqueles que servem no ministério há mais tempo e por gratidão generosa a quem anda com Deus muito antes de nós. O que passar disso caminha a passos largos na via inversa do que pautou a nossa aliança ministerial. Mais do que cada crente ser um ministro, essa visão sugere que cada igreja local se torne um poderoso centro de influência apostólico e cada pastor local também se torne um poderoso líder apostólico.

Proponho-lhe, caro irmão, dezesseis perguntas urgentemente oportunas nesse momento em que vislumbramos o futuro do que desejamos edificar e legar para os nossos filhos espirituais.

Capítulo

6

Videira ou cedro?

Escolher as plantas para estarem debaixo de um cedro representa um grande desafio, pois eles não só bloqueiam a luz solar e impedem que a humidade chege ao solo, como também sugam toda a água ao redor. Para as plantas que se desenvolvem sob uma árvore de cedro, é necessário tolerar a sombra e solos muito secos.

No início dessa obra, o Senhor falou muito conosco acerca de sermos uma videira, e nunca um cedro. Em nossa prática de liderança, deveríamos edificar no perfil da videira, e nunca no perfil do cedro. Isso foi muito marcante, porque indica, desde o início, a visão e os princípios sobre os quais nos dispomos a edificar. A visão e a prática de "cada crente, um sacerdote" refere-se à videira exclusivamente, e nunca ao cedro. Isso para nós foi definidor de rumos, de estilo, de ênfase e de prática. É nisso que temos, todos

nós, investido nossa existência inteira. Desde muito cedo, decidimos jamais edificar no modelo do cedro. Veja a seguir o que Deus afirma acerca do cedro:

> *Pois o Senhor dos exércitos tem um dia contra todo soberbo e altivo, e contra todo o que se exalta, para que seja abatido; contra todos os cedros do Líbano, altos e sublimes; e contra todos os carvalhos de Basã; contra todos os montes altos, e contra todos os outeiros elevados; contra toda torre alta, e contra todo muro fortificado; e contra todos os navios de Társis, e contra toda a nau vistosa. E a altivez do homem será humilhada, e o orgulho dos varões se abaterá, e só o Senhor será exaltado naquele dia. (Isaías 2.12-17, grifo nosso)*

Qualquer um que decidir viver perto de um cedro deve desistir de ver a luz e desfrutar de umidade. Os cedros são árvores fortíssimas que "monopolizam" totalmente o espaço onde estão. Todas as demais plantas que estiverem perto de um cedro sofrerão sempre com sua tendência de usar a luz e a água exclusivamente para si mesmos. Note bem que esta é uma maneira de edificação. Para os demais, sobrará as sombras e uma terra seca e árida. Cedros não lidam muito bem com companhia e concorrência. São sempre donos exclusivos do "pedaço". Precisam saber de tudo sempre e em todo lugar. Têm uma necessidade de serem únicos e atrair toda exclusiva atenção para si mesmos. Cedros nunca têm perguntas. Já sabem todas as respostas, são categóricos, dogmáticos e peremptórios!

Infelizmente, um cedro no meio da igreja, em vez de levantar outros, terá sempre a tendência de sugar toda a vida ao redor de si. É como um buraco negro espiritual que inibe, deprime, sufoca quaisquer outras lideranças ou expressões divinas ao redor. Perto de um cedro, a "multiforme sabedoria de Deus" será reduzida à "uniforme sabedoria do homem". Lamentavelmente, vemos prosperar inúmeras obras assim. Movimentos que lá no passado

representaram uma golfada de frescor e de vida, hoje são obras de um apóstolo só, um bispo solitário, personalista, autocrático e muitas vezes imperial.

Por que isso é tão grave? Porque não é o modelo de igreja do Novo Testamento e nada tem a ver com o referencial apostólico da genuína "tradição apostólica" legada a nós como referencial. Pode ser muito oportuno e bom para o homem que ocupa o topo da "cadeia alimentar", mas isso não é igreja neotestamentária. De fato, é a manifestação de um tipo terrível de clericalismo: um clericalismo pseudoapostólico. A Bíblia diz que Deus é contra todo o cedro do Líbano e fala também sobre o seu machado posto sobre o tal cedro.

Será que Deus tem problema com alguma forma de vegetação e de árvore? Qual a diferença entre a videira, que é Cristo, e o cedro? Por que Jesus escolhe essa planta, a videira, para nos dar seu modelo de edificação? Ele o faz a fim de referir-se a mim e a você, à nossa conexão uns com os outros, à nossa unidade uns com os outros e à nossa ligação com Ele mesmo. Jesus está revelando aqui seu modelo de edificação.

Sabe qual a diferença entre o tipo de crescimento da videira e o do cedro? Uma videira nunca cresce para cima. Ela não tem "natureza", estrutura e modos de crescer para o alto. Ela cresce para os lados. Essa característica maravilhosa possui um significado que se torna referencial para nós. O "interesse" da videira nunca é ser vista e destacar-se acima dos demais galhos num tipo de crescimento doente e aberrante. Se isso acontecer, caracteriza-se como uma anomalia doente da videira.

Uma videira normal se espalha, conecta-se, abençoa as pessoas, toca e nutre-as com cachos de uvas e frutos fáceis de serem

alcançados. Ela não busca se destacar. O cedro, por outro lado, sempre cresce para o alto. Parece pleonasmo, mas é exatamente esta a ideia: cresce para cima. Ele tem de ser visto de longe e receber toda a glória e não suporta outros por perto. Sua altura nunca é compartilhada e usará de todos os meios para monopolizar tudo ao seu redor fazendo toda a igreja sofrer. Vemos isso na igreja romana e decadente da Idade Média.

Uma de nossas escolas bíblicas funcionava em num sítio, e lá havia um lindo cedro. Era antigo, o caule muito grande, uma árvore que crescera muito. Tornou-se uma árvore muito alta, chegando a uns vinte e cinco metros de altura. No lugar onde estava plantado, não havia outras plantas. Era uma árvore nobre, imponente e solitária. Era como se o cedro dissesse: "Eu preciso aparecer, preciso me destacar, e ai de você se chegar perto de mim, competindo com a minha gloriosa formosura!" Aquele cedro era visto de longe. Estava lá sozinho.

Entretanto, o que é mais interessante, diferentemente da videira, é que ele não produz frutos, não alimenta ninguém, toda a sua seiva destina-se exclusivamente para si mesmo. Cedro não produz nada! Há uma única coisa para a qual o cedro é muito bom: ser cortado a fim de que a sua nobre madeira seja utilizada para se produzir muitos móveis. A videira, ao contrário, dá o seu fruto doce e qualquer um, até uma criança, pode estender a mão e colhê-lo. O fruto da videira é alcançável e não presta para dar glória e destaque a alguém. Nenhum dos ramos da videira se sobrepõe sobre os demais e não há uma parte dela com "ganas clericais". A videira é pelo corpo todo e sua seiva e frutos se distribuem para o corpo todo.

Que lindo modelo do "cada crente, um ministro; cada igreja, uma sede apostólica pioneira e plantadora de igrejas; cada pastor,

um apóstolo poderoso em palavras e obras"! Este deve ser o nosso encargo: levantar a todos e nunca inibir, sufocar, reprimir, intimidar e afastar os irmãos. Essa visão refere-se a levantar muitos outros centros de influência apostólicos, muitos outros líderes apostólicos e não apenas um ou dois assentados sobre o "trono de São Pedro" numa Roma contemporânea.

Infelizmente, aquele maravilhoso movimento da restauração a que me referi anteriormente terminou exatamente assim: dois ou três "papas" reivindicando para si mesmos a autoridade exclusiva e sua cidade, como "Sé Romana", a partir de onde sua influência exclusiva pudesse arrebanhar o maior número possível de seguidores. Esta foi a pior e mais triste decepção que jamais experimentei em todos os anos de vida cristã e no ministério.

Você nasceu para ser a videira de João 15, e não apenas isto, deve estar firmemente comprometido em ser contra qualquer clericalismo que faça sofrer a igreja de Cristo. Não seja você mesmo alguém que duplica uma liderança tóxica. Seja um líder que frutifica, que cresce no ministério da Palavra, um líder que serve, alguém que Deus usa lá no ambiente simples da célula, com unção e com vida, para produzir seu fruto. Fruto alcançável para o irmãozinho simples, para gente que não precisa ir longe a fim de se alimentar e ser abençoado, para se refrescar na sombra das suas folhas.

Deus nos livre de sair dessa edificação para o modelo nocivo do cedro. Esse modelo clerical sempre desemboca em uma Torre de Babel erigida para algum "apóstolo" que precisa ser aplaudido, adulado, refletindo todo o glamour do cedro. Quanto a nós, multiplicaremos líderes fortes, pastores maduros e hábeis na Palavra e na liderança, gente que anda com pernas próprias. Vamos ver surgir inúmeras sedes apostólicas espalhadas pelo mundo todo,

cujos pastores sejam levantados por Deus como apóstolos servos, chamados para se multiplicarem como a videira.

Nas células, estimularemos o "cada crente, um ministro", fazendo dos nossos presbitérios também um lugar assim que inspira, encoraja, promove e libera as pessoas para atingir seu pleno potencial. Deus nos livre de sermos nós mesmos um cedro, de estimularmos lideranças "estilo cedro", tolerarmos os cedros e, pior de tudo, jogarmos confete nesse tipo de modelo cedro neoclerical.

Capítulo

7

Apostolado ou papado?

Há outra pergunta para além da discrepância videira-cedro de igual gravidade. Temos diante de nós dois modelos de obra que podemos legar para o futuro. Qual deles vamos estabelecer? A resposta a isso definirá a obra nas décadas porvir. Queremos reproduzir o apostolado bíblico ou papado decadente da igreja que perdeu a glória e a vida divinas? Essa pergunta é extremamente atual quando comemoramos os 500 anos da Reforma Protestante.

Originalmente, havia uma razão para Jesus ter escolhido doze apóstolos, doze homens com características e potencial completamente diferentes uns dos outros. Em nenhum lugar do Novo Testamento, vemos o Senhor estabelecendo um deles como "Príncipe Herdeiro" acima dos demais. Na sequência, quando a igreja se espalha pelos próximos três séculos, muitas "sedes episcopais"

poderosas, numerosas e influentes foram levantadas por Deus. Esses "epíscopos" ou pastores de pastores não praticavam esse modelo de um "papa príncipe", como vemos surgir bem mais tarde. Esses primeiros bispos eram apóstolos investidores no corpo do Senhor.

Quando isso se perde? Por uma "contingência histórica", com o colapso do Império Romano, após as conquistas muçulmanas que varrem o cristianismo do norte da África, chegando à península Ibérica e também invadindo o velho e cristão Império Bizantino. Sobra na cristandade apenas a cidade de Roma, e para substituir a antiga figura do imperador romano, está ali um membro das famílias mais ricas da Europa, que agora compram a peso de ouro a posição do "Trono de São Pedro". O papa torna-se, então, um prícipe secular que possui exércitos regulares, um território sobre o qual governa e uma autoridade repressiva e centralizadora. Essa figura inquestionável e arrogante tem agora o poder de matar você e, pior que isso, enviar sua alma para o inferno, excomungando-o da igreja.

Deus nos livre dessas figuras que, a seu modo, a seu tempo e no seu contexto, duplicam e reproduzem esse tipo de liderança abrutalhada, grossa, impositiva, inquestionável, implacável e que nada tem a ver com Cristo. No ambiente cristão atual, é exatamente isso que tem acontecido: uma proliferação de "minipapas" em todo espectro deste mundo evangélico.

Sejamos práticos então: você pode ser o papa na obra onde está investindo a sua vida, ou você pode ser um apóstolo servo que investe na igreja de acordo com as Escrituras. O apostolado de Paulo, por exemplo, promove as pessoas, investe, dá oportunidades, abre caminhos, treina, ganha, ama, serve, gasta-se. Ele afirma: "Deus colocou-nos, os apóstolos, em último lugar" (1Co 4.9). Ser

apóstolo, portanto, nada tem a ver com cargo ou promoção, não é o tornar-se um príncipe, mas um servo.

Apostolado bíblico não é o que existe aí fora em vários "movimentos apostólicos" atuais. Aquela coisa de um apóstolo só, onde o sujeito é tão ruim que não consegue conviver com mais ninguém. Estamos atualmente nessa onda apostólica que mais tem a ver com competição, títulos, exclusividade e um modelo nefasto de personalismo autocrático e clerical da pior espécie. Ouvi falar recentemente que alguém deixou para trás o título de apóstolo e foi ordenado "patriarca". Palmas para esse vice-querubim! Não é assim que edificaremos o modelo do Novo Testamento entre nós. Esse tipo de coisa deve nos dar náusea e provocar em nós absoluta indignação!

O apostolado genuíno vai levantar muitas cidades como bases fortes em muitos lugares. Um apóstolo genuíno duplica-se em muitos outros apóstolos igualmente fortes, cheios da vida e fruto, independentes e capazes de praticar uma genuína autonomia ministerial. Um genuíno apóstolo nao duplica gente fraca, dependente, insegura, sem identidade, presas com laços de alma a um "Superapóstolo Glorioso. Gente insegura sempre depende de aprovação para dar mais dois passos adiante. Num apostolado genuíno, cada igreja local evolui até se tornar também uma base apostólica forte nas mãos de Deus e um referencial para a região onde está.

Na via inversa, no papado, ninguém pode competir com seu reinado humano. Tudo é dele, por ele, para ele e em função dele! Não se meta com o "galo do galinheiro" e nem com o "cavalo garanhão" da manada. Alguém nesse espírito é como Saul, que por muitos motivos perseguirá Davi com ganas assassinas. Gente assim é matadora de chamados e vocações, sufoca gente inteligente

e jamais permitirá que outros melhores do que si mesmos vejam a "luz da ribalta"! Maldito cedro! Maldito espírito clerical assassino!

O apostolado fala de investir nas pessoas, promover outros, servir compartilhando tudo que tem, o que é, seu tempo, sua energia, intimidade, privacidade e seu dinheiro. Basicamente, um apóstolo não vive para si mesmo. Veja seus rastros e tire suas conclusões da obra que alguém edifica e aqueles que o seguem. Assim, o coração apostólico vai mentorear, abençoar, levantar e liberar, deixando as pessoas livres para cumprir seu próprio chamado. Duvide da saúde espiritual e emocional de líderes que nunca liberam as pessoas e que sempre levam seus relacionamentos com seus liderados ao nível de ruptura. Daqueles que prendem as pessoas até não aguentarem mais o "ar respirado" que lhes é oferecido.

O papado, precisa centralizar tudo e detalhadamente. Ama aplicar monopólio e precisa controlar formas, iniciativas, ênfases, preferências, tudo. Todo papado é sufocante e extermina a multiforme expressão do corpo do Senhor. No papado, as coisas têm que ser dele, por ele, com ele, curvam-se diante dele, sujeitam-se a ele, paga-se o imposto devido a ele, num total e absoluto controle. Voltaremos a falar de controle mais à frente. Mas agora avancemos para mais uma pergunta bem atual.

Capítulo

8

Forma ou conteúdo?

Há uma terceira pergunta igualmente fundamental em relação ao que temos edificado: buscamos e priorizamos "forma ou conteúdo"? O que nos preocupa mais é o formato, o rótulo, a cara, as aparências, o exterior das coisas, o nome, a marca, o registro, a patente, a terminologia ou velamos e jamais negociaremos o conteúdo, a realidade das coisas espirituais? Pelo que temos decidido "brigar"? Formato ou relaidade? Nas reuniões de supervisão, discipulado e prestação de contas, com que "gastamos mesmo a saliva"?

Nós estamos preocupados com o formato do louvor ou com a essência, com a glória da presença de Deus, com o fluir do Espírito Santo entre nós? No primeiro acorde tocado durante o louvor, a presença do Senhor flui porque os ministros estão tomados de encargo e não abrem mão dessa essência? Ou repetimos letra e

música como quem soa uma lata vazia? Este é apenas um exemplo. Quando nós ministramos o Curso de Maturidade no Espírito, fazemos isso apenas porque está no nosso "menu"? É só para cumprir uma agenda, lançar o conteúdo como dado na planilha? Ou nós não abrimos mão de levar os irmãos à poderosa revelação e depois à uma viva e marcante experiência em cada uma daquelas verdades maravilhosas? Estamos tocando gente na mente ou impactando seu espírito? A "comunhão no Espírito", entre outras verdades fundamentais, é apenas um ensinamento que alguém foi lá e ministrou como quem ensina geografia, ou causou uma impressão definitiva naquele discípulo?

O seu anelo mais ítimo deveria ser o de ganhar revelação dessas verdades em sua vida, desejar experimentar isso, expressar o caráter e a beleza de Cristo em sua vida e relacionamentos. Nunca, jamais, apenas se contentar em adotar fórmulas, nomes, marcas e terminologias. O seu desejo mais íntimo deveria ser o fazer a obra e edificá-la, priorizando o conteúdo, e jamais a mera forma, não apenas a teoria. Deveríamos ser firmes em jamais aceitar a mera forma sem conteúdo e essência. Tampouco a palavra minsitrada deveria ser meros chavões, rótulos, frases de efeito e logomarcas. É mandatório que o que compartilhamos na vida da igreja seja essência e conteúdo.

Qual a razão de ensinarmos que cada crente é um ministro, cada crente, um templo? Por que primamos tanto por essas coisas? É só um preciosismo tolo ou é um fundamento inegociável? Se desejamos mesmo ser uma Iigreja neotestamentária deveríamos gemer diante de Deus se percebemos que em alguma área de edificação ficou apenas a forma vazia sem o brilho da vida, da essência e do conteúdo. Nossas células, seu modelo e a dinâmica,

seus princípios envolvendo aquele ambiente rico, onde cada crente funciona e desenvolve-se, servem para expressar a essência do nosso chamado. Células, portanto, como tudo, não podem ser apenas uma estrutura interessante e criativa. Devem ser muito mais. São nossa volta ao modelo da igreja de Atos dos Apóstolos. É alí onde vivemos a "vida da igreja".

Somos o templo do Senhor, e quando você chega, Ele chega; quando você toca em alguém, Ele toca. É mais do que formato, aparência, é conteúdo e realidade. Você foi chamado para ser esse templo glorioso onde estiver, a fim de expressar não a forma, mas o conteúdo. Isso vai determinar que tipo de obra nós vamos continuar sendo daqui a dez, vinte, trinta anos. Quem prima por manter formatos e terminologias acabará guardando as aparências das coisas, enquanto a realidade delas já desvaneceu há muito tempo.

Oh! Que sejamos ortodoxos naquilo que Ele, o Senhor, nos confiou como obra! Seja firme em nunca negociar valores, princípios, revelação, vida e a realidade experimental das coisas que Deus nos tem dado como igreja. Queremos o conteúdo, a realidade, a experiência ganha na vida dos discípulos. Desejamos o mover genuíno do Senhor, e não as aparências das coisas. Deus nos livre de ser o povo dos mil rótulos, marcas, logotipos descolados, marketing eficiente, terminologias, porém sem a sua vida e a essência de Cristo e do fluir do Seu Espírito.

Capítulo

9

Pais ou patrões?

O apóstolo Paulo estabeleceu um tipo de relacionamento com sua equipe que ia muito além de um time de vendas. Ele se refere a um deles, Timóteo, como "verdadeiro filho". Esta geração é uma geração sem pais, é uma geração que não possui referenciais e nem conhece a noção de paternidade, por isso falta propósito. É papel da mãe alimentar; a mãe protege, acolhe e envolve o filho em um ambiente de amor. Entretanto, é o pai que dá propósito. Por isso, esta geração vive navegando num mar sem direção, correndo atrás de futilidades, de coisas que satisfazem apenas a sua fisiologia e ventre, sem nunca ter a percepção de que a grande questão da vida é bem mais profunda do que isso. Só alcançamos satisfação, significado e relevância quando encontramos propósito. E isso quem compartilha são verdadeiros pais espirituais. Quem

dá norte, bússola, direção é um pai. Por isso, Deus nos chamou para sermos pais, e não patrões em sua casa.

Não podemos estragar para sempre os relacionamentos, oferecendo a dinâmica errada de estar recrutando empregados descartáveis diante do menor problema. Ao vivermos isso, passamos a informação de que pessoas valem lixo! Diante de uma temporada de falta de resposta, serão todos descartados e deletados. Pessoas não são objetos que depois do uso podem ser encostados. Nós líderes seremos cobrados por Deus se aplicarmos esse tipo de "liderança pragmática" sem compaixão e sem respeito pelas pessoas. Fico chocado quando vejo pessoas que responderam, serviram e entregaram-se por anos a fio serem sumariamente "decaptadas" por terem dado uma resposta menor do que certos irmãos esperavam. Avaliações implacáveis sobre quem esteve ali servindo fielmente por anos a fio. Diante de um pretenso "faro" de deslealdade, gente que esteve ali servindo por anos e anos é lançada ao lixo. Fico imaginando Pedro e todos os discípulos do Senhor, o que seria deles, o que seria de nós se Jesus praticasse esse tipo nocivo e implacável de critérios? Não me admira que em ambientes assim haja mais crentes desviados fora da igreja do que dentro dela.

Às vezes, vejo em algumas obras gente ser defenestrada e mandada para o paredão de fuzilamento sem dó, sem temor e sem nenhum peso de consciência. Quem faz isso está em pecado contra o corpo e contra a igreja, especialmente quando estamos envolvidos em treinamento de líderes. O pior é que essa atitude e mensagem é passada a todos aqueles que estão na fila vendo as coisas acontecerem. A conclusão é: o que está acontecendo com aquele infeliz é exatamente o meu destino amanhã quando chegar a minha vez. Em relacionamentos nos quais as pessoas valem nada,

elas são tratadas como empregados. Normalmente, tais empregados são apenas comunicados dos eventos, das metas e alvos. Filhos, por outro lado, são trazidos para perto, envolvidos, desafiados e inspirados. Filhos participam de todas as fases dos processos, enquanto empregados ficam na fila aguardando ser comunicados pela chefia. Quando eu fiz escola bíblica, o que me inspirava era a generosidade e o amor daqueles irmãos que nos discipulavam para o ministério. Em algumas escolas bíblicas de hoje, eu não duraria um dia sequer.

Ao treinarmos líderes, muitas vezes somos tentados a priorizar a disciplina em detrimento da inspiração. Se é assim, formaremos gente hipócrita, que diante de nós diz o que esperamos ouvir, vestem-se como exigimos ver, comportam-se como um bando de "anjos desinfetados", mas por detrás aprontam todas. Se priorizamos a disciplina, estaremos passando a mensagem de que vale mais a forma, a vestimenta, as aparências, o linguajar do que as realidade do Espírito. Eu jamais iria para uma escola bíblica que valoriza mais como dobro as minhas toalhas e arrumo as gavetas, do que o meu relacionamento com Deus, o meu ouvir o Espírito Santo e o meu fluir nas coisas espirituais. Se nessa escola bíblica exige-se mais acerca do seu corte de cabelo do que a sua habilidade de ver Cristo nas Escrituras, faça-me um favor: saia rápido daí. Essa gente não merece a sua entrega e dedicação!

O relacionamento que você tem com os irmãos da igreja é de patrão com empregados e subordinados? Sua forma de lidar com as pessoas é sempre de cobrança? Diante de metas não batidas, nós as desqualificamos diante dos demais membros da equipe? É assim que você faz? Alguns irmãos transformam o discipulado em algo cruel, duro, abusivo, porque se veem exatamente assim, como

patrões. Um patrão não se importa com seus empregados, pois todos são substituíveis. O tom de cobranças e críticas abusivas é a normalidade. Não estou falando de falta de responsabilidade e compromisso com o bom funcionamento das coisas. A grande questão é: que tipo de vínculo nós estabelecemos em todos os níveis de liderança que temos dentro da igreja? Entre os diáconos, na liderança da equipe de louvor, entre os líderes de jovens, a rede kids, entre obreiros ou até entre disicpuladores, pastoras e pastores? A relação é do patrão com um bando de idiotas úteis e descartáveis? Se alguém faz isso não nos representa e está em pecado contra o Corpo do Senhor.

O próprio Senhor defenderá seus filhos de gente abusiva assim. A mensagem que se passa é mais ou menos a seguinte: "Você está aqui para me servir; se falhar em alguma coisa, tem muita gente na fila esperando por oportunidade! Não quer do meu jeito? A porta da rua está aberta, pode ir embora, pois há muita gente aguardando a vez!" Esse tipo de coisa deve nos encher de indignação e zêlo pelo corpo do Senhor. É assim que você trata o seu filho, a sua filha? É assim que é a casa de Deus de acordo com o Novo Testamento? Naõ! É assim que Paulo lidava com as pessoas, com os apóstolos e com os irmãos? Era assim que Jesus tratava os seus?

Deus nos chamou para ser pais espirituais desta geração. Isso atrairá as pessoas a viver no melhor lugar do mundo para se estar. Vão achegar-se à vida da igreja adolescentes, jovens totalmente perdidos e rejeitados lá fora, pessoas que usavam drogas e estão com a vida arruinada, aqueles que cederam à prostituição e à homosexualidade desenfreada. Vão se achegar porque encontraram um lugar de aceitação incondicional e sem julgamentos prévios, um ambiente livre de juízo, comparações, rejeição ou competição.

Vão se aproximar porque encontraram um lugar de amor generoso, de investimento paciente e principalmente de paternidade.

Guarde esses fundamentos para que a igreja do Senhor possa crescer. E não permita esse espírito de paternidade e de investimento ser trocado por uma atitude patronal, uma atitude de tratar as pessoas como funcionários, ou como se fossem obrigadas a fazer o que você quer, na hora que quer, do jeito que quer sob pena de serem excluídas, demitidas ou rejeitadas. Se alguém vive isso em algum lugar, está desfigurando a igreja. Isso não é e nunca foi igreja, isso é uma empresa, é como o Bradesco!!! Esse tipo de ambiente compromete o crescimento, pois as pessoas acabam percebendo que nada ali lhes pertence. São meros trabalhadores braçais de uma "igreja-empresa" a vender um serviço para sua clientela.

Capítulo
10

Discipulado ou gerência?

Outro perigo enorme, especialmente em ambientes de igrejas em células é transformar o discipulado em gerência. Fazendo assim, troca-se o cuidado pastoral pelas ovelhas, perde-se a percepção do valor das pessoas e tudo se transforma em uma roda viva em torno de meros alvos estabelecidos. O foco e prioridade são transferidos das ovelhas para os alvos. Isso não quer dizer que não devemos ter metas. Ter alvo é ter parâmetro, é mobilizar e maximizar os recursos que temos de modo sábio. É ser responsáveis e bons mordomos com aquilo que o Senhor nos deu.

Dessa forma, está corretíssimo estabelecermos alvos. Devemos estabelecer metas para o evangelismo, alvos para o Curso de Maturidade no Espírito, para a célula, para a conferência e até alvos financeiros. Isso é um parâmentro bom e saudável, é ter um rumo, uma

baliza, um referencial do que se deseja alcançar, aonde se pretende chegar. O melhor a fazer é levantar esses alvos junto com todos os envolvidos no processo e como resultado de oração conjunta. A célula mobilizada pelos seus líderes ora e define os seus alvos de crescimento. Isso é ótimo. Você orou, buscou a Deus, conversou com a equipe e definiu o alvo, que se torna uma posição de fé.

Outra coisa, entretanto, bem diferente é a postura do gerente da sapataria ou da fábrica de biscoitos, da pastelaria ou da equipe de vendas. Nesses ambientes de gerência voltada para os resultados e metas, você não significa NADA. As coisas funcionam na base da bronca, dos interesses e da ameaça da "linha de corte". O expediente da humilhação, desrespeito, ironia e sarcasmo é o que define um ambiente assim. É tudo massificado. Tudo envolve meros números, percentual, relatórios, gráficos e estatísticas, pois é isso mesmo o que você vale para um gerente: um rélis número!

Alguém quer lá saber o que você sente, pensa, anela ou aspira? Se for falar de unção ou de encargo, vão rir na sua cara! Alguém está preocupado em saber se você tem alguma necessidade? O gerente está focado exclusivamente em bater a meta e mostrar um relatório impressionante para o diretor da empresa. Quantos visitantes? Quantos convidados foram ao encontro? Números, números e números. Em um ambiente como esse, os vínculos de discipulado perderam o significado e já não tem mais o componente pastoral, cheio de amor, encargo, amizade, cuidado e zêlo.

Alguém que age assim na vida da igreja está no lugar errado. Alguém assim deveria trabalhar em um banco privado, e não na igreja do Senhor. Lá você pode esganar seus subordinados para bater as metas, pode cobrar o que quiser sem levar em conta as pessoas, pode oprimir seus subordinados, focando exclusivamente

nos seus alvos. Pode abusar de crueldade e de todo tipo de manipulação, só não venha fazer isso na igreja do Senhor! Se uma rede de discipulado transformou-se nisso, se um presbitério local virou isso, se a reunião das irmãs da Rede Kids está reduzida a isso, todos precisam e arrepender do seu grande pecado e do imenso desserviço causado contra o corpo do Senhor. A consequência imediata disso será um ambiente desmotivador, opressor, que desembocará na decadência ministerial. Quer pagar para ver?

Pouco a pouco, essas pessoas que vieram cheias de sonhos e ideais, voluntárias no trabalho de Cristo, investindo seu tempo e energia pela causa, acabarão descobrindo que entraram numa "fria", num grande esquema, numa esteira enorme de uma linha de produção de uma fábrica que você chama de igreja. Vão pular fora até não sobrar mais ninguém sobre quem o gerente ou a "gerentona" possa dar os seus chiliques. Umas das escolas bíblicas que abri chegou a ter mais de quatrocentos alunos. Ainda me lembro de aulas em que quase todos os alunos estavam em lágrimas durante o ensino. Era palpável a atmosfera de "propósito profético", de inspiração e contrição espirituais. Soube recentemente, infelizmente, que a escola foi fechada por falta de alunos. O que terá acontecido? O que você acha? Diga-me.

Queremos viver discipulado ou vamos transformar essa visão maravilhosa apenas em gerência? Precisamos de um profundo encargo pelas vidas, enxergá-las para além das aparências, e não medi-las pelo que trazem, rendem, fazem de vantajoso. O paradigma é o relacionamento, a comunhão, o andar juntos, a inspiração pura e pastoral, é dar suporte, investir nos sonhos e anelos desses irmãos. É dessa forma que alcançaremos os alvos propostos numa atmosfera de encargo e santa empolgação. É pegar um Lázaro que

Jesus ressuscitou, tirar a venda dos seus olhos e começar a compartilhar visão, desafio, inspiração. É tirar as amarras das suas mãos, que o impediam de agir, de trabalhar e compartilhar ferramentas. É treiná-lo, discipulá-lo. É tirar as amarras dos pés e caminhar com ele até que consiga se firmar com pernas próprias recobrando a dignidade e a agilidade. Precisamos cuidar da igreja e cuidar da igreja não é enxergá-la como uma linha de produção. Deus o chamou, caro irmão, para ser um discipulador. Se não sabe fazer isso, procure descobrir quem faz bem e aprenda. Siga modelos. Viva a vida comum da igreja. Isso nos leva à próxima pergunta.

Capítulo

11

Significado ou rendimento?

Eu valho o que significo ou o que trago de lucro? Há pessoas maravilhosas que rendem muito, trazem muitos visitantes para as células, ganham muitas almas, consolidam muitos. Gente brilhante, que discipula, multiplica discipulado. Glória a Deus por esses e que continuem fazendo isso! Mas a grande pergunta é : e quando isso não acontece? Ou quando acontecia e parou de acontecer? Um exemplo: um jovem na igreja, entre seus dezessete e dezoito anos, está em todos os cultos e reuniões de oração pela manhã, é presente em todas as reuniões na célula e sempre está ativo em todas as programações e conferências da igreja. Seguindo o curso normal da vida, termina o ensino médio e decide fazer o vestibular para

medicina. Esse rapaz, cheio do Espírito Santo, que ama a Deus, que frutifica muito, agora precisa tirar tempo para estudar e estudar muito, estudar feito um louco a fim de entrar na universidade. Além disso, ele trabalha meio período nos negócios do pai. A primeira consequência na vida de um jovem assim, nessa temporada da vida, é que ele não vai mais render o que sempre rendeu antes. Ele não vai levar para a célula tantos visitantes como costumava levar. Ele não vai multiplicar célula como estava multiplicando.

Os primeiros comentários do "gerente" é que ele está "perdendo a visão", está perdendo o coração, cobiçando as coisas do mundo. Este é o ponto de teste, não para o rapazinho, mas para o seu líder. Aqui está a grande pergunta: eu valho o que significo ou o que rendo? Eu valho o que produzo nessa igreja ou o que significo como gente, como pessoa? O tal discipulado que vivemos até hoje era algo temporário ou é para a vida toda? O que eu realmente significo: sou filho de Deus, sou amado, sou parte da família, sou parte da igreja, independentemente de qualquer fase na vida? Ou isso aqui é só uma temporada na qual depilam-se as ovelhas e comem-lhes as carnes?

Algo comum na igreja é ouvir que amizades e relacionamentos envelhecem. Isso é verdade. Relacionamentos de amizade e de discipulado não são como um casamento. Podem, sim, ser temporários até cumprirem um propósito. O que me incomoda é pessoas na casa de Deus usarem isso como justificativa de ir deixando no seu rastro uma fila de cadáveres de Lázaros. Incomoda-me usarem isso como justificativa "espiritual" para ignorar, deletar e afastar pessoas do seu círculo de proximidade. Gente insensível e de platina. Ora, este nunca será o modelo de Cristo!

Corremos o risco de tratar as pessoas como coisas, vendo apenas o momento, e não as décadas que estão diante de nós. As pessoas precisam ter segurança de que o nosso investimento é de longuíssimo prazo, é para a vida toda, é nosso projeto existencial muito além de uma temporada, além de uma mera jornada de crescimento. Em longo prazo, isso é que fará toda a diferença. Se nós aplicarmos o princípio equivocado de valorizar as pessoas na base do que elas rendem, pelo retorno que dão, pelo que elas produzem, nós vamos machucar muita gente, vamos ferir muitas gente, excluir dos nossos relacionamentos muita gente querida, inteligente, brilhante. Vamos tornar a vida dessas pessoas extremamente desconfortável.

Alguns casos, algumas excessões podem ter a ver com gente que desistiu mesmo da caminhada, entretanto não é disso que estou tratando aqui. Eu mesmo, daqui uns anos, não vou render mais o que estou rendendo, não vou mais conseguir viajar como viajo, não vou pregar tanto quanto prego hoje, não vou frutificar como de costume. E aí? O que você fará comigo? Vai me excluir também? Quando eu não corresponder mais às suas altíssimas expectativas, ou quando você descobrir as minhas falhas, vai me jogar no lixo também? Eu valho para você o que rendo, o que produzo ou o que significo? Vão me ignorar, me deixar de escanteio, me deletar? Não rendo mais como antes para a visão, então acabou a minha utilidade? Só presto enquanto sou útil? Nós amamos as pessoas porque elas são úteis ou porque elas são importantes para nós.

Capítulo
12

Glória de Deus ou glamour do homem?

A glória de Deus vem com sua manifestação em nossa realidade, é a expressão do próprio Deus nos encharcando com a sua vida divina. Em meio à manifestação de sua glória, Ele mesmo é centralizado, reconhecido e adorado. O glamour, por outro lado, vem quando nós lucramos quando Deus faz a sua obra. No ambiente da glória de Deus, somos quebrantados, humildes, sensíveis, misericordiosos, cheios de bondade e de uma mansidão vinda pelo temor de Deus em nosso coração. No glamour, ao contrário disso, tornamo-nos ultracomplicados, ultraexigentes, ultraimplacáveis, sem misericórdia ou compaixão, ultraríspidos, raivosos, mordazes, ultrassofisticados e ultraimpacientes. Em meio à manifestação da

glória de Deus, estamos entre aqueles que adoram diante da arca em uma tenda; já no glamour, por outro lado, nos mudamos para uma torre bem alta num palácio de cristal inacessível. Como a boca fala do que está cheio o coração, já não nos importamos com a glória, nossa conversa é sobre a marca das torneiras de ouro instaladas em nossa banheira.

Estou aposentando um terno que usei por mais de quinze anos. Eu só tinha esse terno apesar de ter dinheiro para comprar muitos se o quisesse. Pessoas se ofereceram para me presentear com outro quando observaram que eu só vestia esse tal único terno em todas as ocasiões. Ora, eu moro nos Estados Unidos, em Nova York onde estão os endereços mais sofisticados da moda mundial! O país é o centro do consumo sofisticado e do capitalismo, e eu sou o pastor de missões dessa obra. Como posso andar por aí vestindo um figurino de cinco, quinze mil reais? Se você pode gastar isso com roupas e está em paz, não o condeno de forma alguma! Prospere e seja muito feliz!!! Refiro-me aqui ao tom que damos a discípulos que nem no milênio conseguirão comprar um terno desses de "grã-fino da alta". Vou usar uma caneta de ouro, com diamantes e o meu nome gravado com rubis? Acha compatível? Eu não! A glória de Deus não é glamour e há beleza, sim, na simplicidade! Os homens mais ricos do mundo e suas famílias se vestem e se portam com simplicidade. Jesus e seus apóstolos jamais exageraram nos seus usos e costumes. Por que eu faria isso? Assim, se você pode investir em coisas muito sofisticadas, use. Mas por favor não coloque isto como uma régua para medir as pessoas e nem estabeleça com isso um padrão.

Vou a alguns lugares e levo um susto: achei que estava me encontrando com os irmãos sendo igreja, mas na verdade acabei

entrando na festa de entrega do Oscar. Visitei uma igreja em Orlando, na Flórida, onde pastoreava um dos homens mais famosos dos Estados Unidos na época. Lá, tudo era um show. O piano de calda de repente surgia do subsolo flutuando e o coral se apresentava como na Broadway. As pessoas se vestiam como que para a posse da rainha da Inglaterra, os homens todos com os cabelos tratados por escovinha e laquê. Muito lindo. Só não vi glória de Deus alguma naquele "summit".

Dessa forma, aqueles irmãozinhos que não conseguem comprar, como eu ou minha esposa, aqueles que, na crise financeira, não têm dinheiro para vestir-se de acordo para a noite do "Gremmy Award" estarão excluídos do badalo. Nem de longe, eu me oporia a você se vestir bem. O ponto aqui é quando a glória de Deus trouxe tanto crescimento, tanta prosperidade e tanta influência que podemos correr o risco de deixar de ser gente normal, afastando-nos das pessoas com pés no chão e mãos calejadas. É glória de Deus ou é glamour? É feira de competição de quem tem mais, de quem mostra mais? Evite isso a todo custo, pois isso não é igreja!

As pessoas precisam ver coisas genuínas e a simplicidade de Cristo na igreja. "Ah, pastor, mas eu sou rico e tenho condições de adquirir as coisas!" Por favor, entenda a mensagem! Compre o que quiser sem peso na consciencia e seja feliz! Só não traga a uma ultraexagerada sofisticação para o meio de gente simples. Vai ficar parecendo a princesa da Dinamarca coroada no churrasco de sábado na lage da dona "Nonô". Qual tipo de obra estamos edificando e queremos edificar? Se queremos continuar experiementando desse crescimento, desse avanço, precisamos manter os fundamentos das coisas que estão lá na origem dessa glória, desse crescimento, desse êxito que nos trouxe até aqui. Precisamos manter o foco na

glória de Deus, na presença de Deus, no fluir de Deus e em sua maravilhosa majestade entre nós. Simples assim.

Capítulo
13

Antioquia ou Roma?

Roma e Antioquia aqui apontam para duas realidades e dois momentos na igreja. Antioquia representa aquela gente apaixonada por Jesus que pratica um apostolado pioneiro e que leva o evangelho à Judeia, Samaria e aos confins da terra. Antioquia é, por excelência, um centro difusor de poderoso esforço missionário que planta igrejas de modo pioneiro. Graças ao Senhor, nossas igrejas têm sido essa "Antioquia" por muitos anos. Em cada centro de influência nas grandes cidades onde temos chegado, Deus nos tem feito ser Antioquia. Glória a Deus por isso! O problema não é agora. Está no perigo do futuro de Antioquia tornar-se Roma.

Em Antioquia, investimos e servimos; em Roma, exigimos tributo a nós mesmos. Em Antioquia, plantamos, consolidamos e liberamos; em Roma, as pessoas devem vir a nós em reconhecimento

à "Sé Romana", algo como um sol que exige que todas as forças do sistema solar estejam sempre em órbita de si mesmo. A obra que você edifica na sua cidade tem sido Antioquia ou caminha a passos largos para ser uma Roma? Nós nascemos para ser Antioquia ou Roma? A resposta a isso definirá nosso futuro nas próximas décadas.

Investir e liberar ou treinar e controlar? Deus nos chamou para investir, e isso ficou bem claro para mim muitos anos atrás. Deus não me chamou para controlar a vida e nem as iniciativas de ninguém. Muito menos monopolizar nossos cursos, nossa visão e nossas células. Estamos caminhando para duzentas igrejas fora do Brasil e duas mil na Vinha e Videira. Quando olho para tudo isso, eu digo para mim mesmo: foi por Deus, literalmente foi pela mão divina, não fomos nós! Com que dinheiro, com que recursos? Recursos muito menores do que o grande desafio. É milagre atrás de milagre.

É isso que Deus está fazendo onde a Videira e a Vinha estão. Temos vivido os milagres de Deus por causa do chamado de investir, treinar, abençoar, inspirar, desafiar pessoas, ensinar a mobilizar, ensinar a liderar, mentorear para uma prática exitosa de ganhar almas, consolidar essas vidas, treinar o potencial num trilho prático, em que cada pessoa possa desenvolver liderança e habilidades para frutificar, pastorear, ouvir de Deus com ouvidos próprios, fluir no Espírito Santo e transbordar na presença de Deus. Deus tem cumprido suas Promessas. E quando essas pessoas estiverem prontas, são liberadas. Este é o cerne do investimento: treinar para liberar para serem frutíferos. Foi para isso que Deus nos chamou, investir e liberar. Nunca treinar e manter sob rédeas, controlar.

Isso não é algo irrelevante, ao contrário, é definidor do nosso destino e futuro. Aqui nós temos um desafio extremamente

sensível, pois, se temos Roma, logo, logo precisaremos de um papa, intrigas sem fim, conchavos políticos, manipulações e compra de votos. Mas a igreja do Novo Testamento, do livro dos Atos, tem Antioquia com todos os princípios ligados a esse modelo. No Novo Testamento, o modelo da Roma Medieval não está presente. O conceito de Roma só surge bem mais tarde. Em Antioquia, os irmãos estão orando e jejuando com encargo para plantar muitas igrejas e, de repente, o Espírito Santo diz: "Separai-me a Paulo e Barnabé para a obra que eu tenho reservado" (At 13.2). Que obra é essa? Vamos plantar igrejas por toda a Europa, África, Ásia e até os confins da terra. Esse "espírito de Antioquia" fala exatamente do que a nossa família de igrejas tem vivido por vinte anos. A intenção aqui não é construir uma sede imperial papal como em Roma, onde há um papa carregado, venerado e incensado no "Trono de São Pedro" e cujo anel deve ser beijado em sinal de subserviência.

Antioquia, ao contrário disso, fala de mantermos o encargo de espalhar o evangelho, de plantar igrejas, de levar a obra de Deus para todos os lugares, de usar bem os recursos financeiros e saber investi-los em vidas, em gente e em algo que dê glória ao nome do Senhor. Fala de multiplicarmos às dezenas várias sedes apostólicas e ministérios quíntuplos para a manifestação de uma igreja poderosa, númerosa, crescente e prevalescente nesta geração. Antioquia não quer controlar, centralizar, normatizar e sujeitar ninguém a si mesma. Antioquia está feliz em eclipsar-se quando surge Éfeso e outros centros apostólicos. Qual é o problema se outros crescem muito mais que nós? Isso prova nossos frutos e resultados. Roma, entretanto, reunirá exércitos e esmagará qualquer lampejo de vida ou de glória que possa competir com a sua posição única de Sé Romana. Foi o que fizeram contra os valdenses, lollardos, hussitas, huguenotes e qualquer um que

ousasse levantar-se com alguma expressão de Cristo. Antioquia não é Roma. Que possamos nos manter fiéis ao chamado de edificarmos Antioquia, e não Roma.

Capítulo
14

Servir ou servir-se?

Deus deseja que pratiquemos o princípio do servir ou do servir-se? Se meu coração é por servir, meu encargo é com o seu bem estar, a superação das suas limitações. Meu encargo é que você cresça, seja feliz, atinja a plenitude do seu potencial de liderança, avance com entendimento, revelação e consistência. Assim, eu vou servi-lo com tudo o que sou e tenho. A Bíblia diz que o Senhor, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13.1). Isso significa com todos os seus recursos e até o fim deles. Outro significado de amar até o fim refere-se a amar até ver resultados definitivos, até ver mudanças práticas. Tendo amado, tendo servido – esse é o sentido de João 13 –, serviu-os até vê-los transformados. Há, entretanto, pessoas que possuem uma agenda escondida: "Vou servi-lo viu? Mas agora você fica me devendo

uma! Eu o ajudei muito, por isso, de agora em diante, você deve vir sempre pagar tributo a mim e comer na minha mão".

Aqui, os princípios da honra, da lealdade e da aliança, que são maravilhosos, podem servir a um propósito muito torpe: o de controlar as pessoas e mantê-las todas à minha órbita. Quantas vezes eu já vi isso em muitas obras por ai! O maior teste de quem serve, portanto, é dar liberdade genuína às pessoas, liberdade, inclusive de crescer mais, ocupar maior espaço e expressar maior influência. que si mesmo. Por que será que achamos que filhos e discípulos devem sempre ser infantilizados, subordinados e tratados como se sempre devessem algum tributo? O teste de saúde de uma obra é discípulos irem mais longe, avançarem mais, prosperarem além de nós e multiplicarem muito maior fruto e influência mantendo a honra, a lealdade aos mesmos princípios e uma profunda gratidão a seus pais espirituais.

Infelizmente, o que acontece demais é o que chamo de "síndrome da sogra megera". A sogra, tendo cumprido o papel natural de conceber, gerar, criar, educar, formar e casar o filho, agora recusa-se a sair de cena. Ela ainda precisa morder um "naco" daquilo que o filho ganha. É precisamente esta a motivação de alguns líderes que se recusam a liberar, a estimular o crescimento dos discípulos que cruzem a fronteira do que eles mesmos enxergaram e fizeram. É como o Faraó que diz aos filhos de Israel: "Podem ir adorar a Deus, mas vão só até ali adiante". Ora, sabemos muito bem que quem controla perde, quem retém perde, quem limita perde. Se queremos servir no modelo de Cristo, devemos fazê-lo da maneira certa. Devemos recusar-nos a servir-nos a nós mesmos comendo a carne e os frutos dos nossos filhos espirituais. Aqui está o cerne de

um crescimento continuado ou do princípio do declínio de muitas obras que já fizeram história. Qual você escolhe?

Não chame de lealdade ou honra a pressão para as pessoas virem comer na sua mão. Isso é vil! É torpe! Como assim? É claro que vamos cumprir o espírito de lealdade, é claro que vamos praticar o princípio da honra, é claro que vamos viver aquilo que é bíblico. Devemos tomar a cruz e praticar o que é correto e em plenitude. Mas sabe qual é o momento mais alto, mais nobre do discipulado e do servir? É quando chega o momento de liberar o discípulo para que alce o seu próprio vôo, para que cumpra os seus próprios sonhos, para que viva o seu próprio ministério. É liberar as pessoas mesmo a fim de que avancem na maximização do seu potencial sem o nosso cerceamento.

Como líderes, pastores e discipiladores, precisamos aprender a ser deixados, ser esquecidos e trocados por outros. Isso é o ápice. Se um filho não vai embora, esse filho tem algum problema. Se a criança nunca cresce e precisa estar debaixo da tutela do pai para sempre, ela é doente, tem algum problema muito grave. Se precisa continuar debaixo de proteção, deve ter alguma limitação intelectual ou física. Entretanto, se é uma criança normal, é natural que vá embora no sentido de crescer, de maximização do potencial, da fé, da visão, de experiências com Deus, milagres, revelação, unção, autoridade, profundidade e liderança. Qual o problema em você deixá-lo ir? Isso nos coloca entre Davi e Saul. É um momento que vai requerer de nós ser Davi, e não Saul. Porque esse é o problema de Saul. Se você tem os problemas que Saul tinha, não vai permitir que pessoas debaixo de você cresçam acima de sua própria tacanha, medíocre, anã, limitada, insegura estatura espiritual.

Deus me deu dois pastores melhores do que eu lá em São Paulo. Um era melhor do que eu em administração e discipulado. Brilhante! Quando eu ia conversar com ele sobre algo do gênero, ele já havia "comprado o milho e feito o mingau". O outro era um irmão que orava muito mais do eu, jejuava muito mais, alguém simples, mas quando pegava o microfone, o céu descia. Quando impunha a mão na cabeça das pessoas, milagres aconteciam.

Houve uma situação em particular, conversando com esse segundo, em que eu lhe perguntei o que ele era para mim. Voce não é meu discipulo, pois sua origem era outro ministério muito reconhecido e querido por nós. Assim, eu disse: "Você não parece meu discípulo, pois continua aparentemente ligado àquele outro líder de onde veio, você se parece mais com ele do que conosco aqui. O que você é? É meu amigo? Também não, pois não temos esse nível de proximidade". Ao ouvir isso, ele replicou: "Pastor, eu vou orar e lhe trago uma resposta". Três dias depois, ele voltou e me disse: "Eu já sei o que sou seu. Eu sou seu cooperador nessa obra que Deus lhe deu".

O outro, aquele irmão a quem me referi acima, o adminstrador, nós tivemos uma trombada de frente. Eu lhe disse: "Vou devolvê-lo para onde você veio. Não o aguento aqui, você parece o general Joabe, de Davi, desbocado, me sinto desconfortavel com você. Se não o aceitarem de volta, vou mandá-lo lá para a Amazônia, ser pastor de papagaios". Falei que não dava certo mais ele trabalhar ali comigo. Depois dessa conversa, eu fui orar! E Deus me falou: "Tome muito cuidado com o que você vai fazer com gente que o deixa desconfortável por ser muito melhor do que você em alguma área. Cuidado com o que você faz com pessoas que eu lhe enviei e que são mais inteligentes, melhores líderes, mais profundos, pregam

melhor, são mais usados nos dons espirituais, administram melhor ou discipulam melhor do que você. Tome muito cuidado, porque este teste é seu, não deles".

Se só permanecem com você gente que sabe menos, que faz menos, que lidera menos, que conhece menos, que frutifica menos, você estará estabelecendo um nível muito baixo para a sua igreja. Aprendi a lição. Deus me chamou para promover esses irmãos, para levá-los a crescer e a avançar. Sabe o resultado disso, eu os prendi para sempre com laços de amor. A igreja que entregamos para um desses discípulos era uma igreja quase três mil membros, hoje ela tem mais de vinte mil membros. A igreja cresceu quando fui embora. Que coisa boa! Se fosse o contrário, isto demonstraria que a igreja estava ali só para me servir, e não a Deus. Sempre haverá um tempo de deixar ir e não reter, de levantar novos líderes e sair de cena. Entristece-me quando as pessoas não viram que envelheceram e que devem passar o bastão para a nova geração. Pelo amor de Deus! Nós não somos como o papa em Roma, que só libera a cadeira quando morre, mas manteve a rédea por décadas a fio, mesmo quando já se tornara um velho senil. Servir ou servir-nos?

Deus o chamou para promover gente melhor do que você na célula. Deus vai mandar gente mais inteligente, mais capaz, mais ungida, mais intrépida, mais sábia, com mais revelação. Vai haver conflitos, confrontos e o que você vai fazer com eles? Promova, ame, cuide, corrija, discipule. Se tiver que perder, perca! Em algumas situações, amar é dizer a verdade em amor: "Você não ouve ninguém, meu filho. Você não teve pai, seu marido não a lidera e agora sobrou para mim, que sou seu pastor. Só você que não enxerga a arrogância, a petulância, a presunção e o orgulho". Em

outros momentos, amar é deixar as crianças seguir o seu caminho, cair da bicicleta, arranhar-se. Crescimento advirá disso.

À medida que caminhamos no princípio da cruz, ela vai trabalhando no caráter desses irmãos queridos que caminham conosco. Chegará o momento em que você deverá liberá-los para serem melhores do que você. Quanta gente preciosa, próxima a mim, que é muito melhor do que eu! Eu sei que eles me amam nas minhas limitações. É verdade também que eles não fazem o que eu faço, podem não ter o tipo de chamado que tenho ou a coragem ou a graça de Deus para fazer certas coisas. Cada um de nós possui o seu chamado específico. Aprenda portanto, a servir, liberar e sair de cena.

Capítulo

15

Unidade ou uniformidade?

Há uma maravilhosa beleza na unidade da fé e na unidade de princípios e valores. A unidade é o que faz uma obra crescer consistente em longo prazo sem dividir-se a cada dois anos. Cansei de ver divisões pelos mais tolos, infantis e fúteis motivos ao longo das décadas. Há muitas igrejas nas quais, a cada dois anos – essa é a média –, uma nova divisão acontece. Dividem-se por qualquer coisa, e em muitos casos por poder, cobiça e competição. Pessoas que se prestam a esse papel escuso de dividir uma obra por motivos de inveja ou partidarismo certamente darão contas a Deus por ferirem seu corpo.

Deus nos chamou à unidade de coração, mente, doutrina, propósitos e estilo. Deus nos chamou para vivermos em unidade. Há aqui uma série de aspectos que reforçam esse "espírito de unidade".

Fazemos isso no discipulado, ensinando princípios de liderança, honra, lealdade e principalmente de negar-se a si mesmo e tomar a cruz, colocando de lado questões secundárias, como preferências e ênfases. Somente tomando a cruz pagaremos o real preço de sermos unidos com gente tão diferente de nós mesmos.

Por outro lado, há aqui um perigo imenso de acharmos que unidade vem como consequência de passarmos a régua, impondo uma uniformidade para além do bom senso. Há obras que perderam o mover de Deus ao engessarem processos, métodos, iniciativas e a própria expressão livre do corpo de Cristo. Se impomos uma normatização às igrejas, desrespeitando o princípio da localidade, estaremos fazendo o mesmo que no passado trouxe um desastroso declíneo à igreja. A obra do Senhor nunca é "nacional", daí rejeitarmos de modo contundente o modelo decrepto de "igreja estatal". Tampouco é "universal", "mundial" ou "católica". Tudo isso só deu margem para imposições sem fim, controle sem fim e uma uniformização de tudo na igreja. Afinal, queremos unidade ou caminhamos para uma uniformidade crescente como vemos em cada denominação que nos antecedeu?

Se formos "uniformes", já não haverá espaço para o "cada crente, um ministro" entre nós, nem para "cada igreja, uma sede apostólica influente", muito menos haverá espaço para "cada pastor, um líder apostólico", pois vamos vestir todos com uma só roupa, uma só expressão. É isso mesmo o que queremos? Unidade ou uniformidade? Ao uniformizar, empobrecemos, levamos as pessoas a serem reduzidas à forma em detrimento do conteúdo, sufocaremos iniciativas e tenderemos a estabelecer um "escritório central" para controle de livros, e dos jovens, e dos kids, e dos casais, dos homens, uma central das células, e por aí vai. Só há um problema:

isso viola tudo o que nos dispomos a edificar lá atrás quando essa aliança começou. Uniformizar viola a iniciativa e a liberdade do corpo, viola a autoridade dos presbitérios locais, deprime a autoridade local em favor de algum líder distante que controla tudo a partir de uma "sede". Isso, novamente não é a igreja do Novo Testamento e não é o que nos dispomos a edificar.

Unidade só é possível em Cristo. Se não for assim, unir-se a alguém por causa de doutrina, preferências ou estilo, uma hora, vai haver divisão, sobrando muito pouca coisa de pé. Por quê? Porque todas essas coisas dividem, trazem desunião. Minhas preferências são diferentes das suas, porque o meu estilo é diferente do seu, porque as doutrinas de que eu mais gosto, no fim das contas, também são diferentes das que você gosta. A minha liturgia é diferente da sua. Somos muito diferentes em tudo, e é preciso respeitar isso. O único lugar em que nós temos unidade é em Cristo. Não haverá unidade em mais nada, coloque isso na sua cabeça, querido irmão! Não é uma uniformização criteriosa e detalhada de cada quadrante que trará unidade. Não é definindo como cada igreja deve fazer isso ou aquilo nos menores detalhes que trará a unidade que almejamos manter. Esse controle onipresente em cada aspecto, essa uniformização é um grande equívoco no qual inúmeras obras já incorreram.

A uniformizaçao só prejudicou a iniciativa de cada líder como ministro legítimo em cada localidade. Foi por isso que, na igreja primitiva, os apóstolos de Jerusalém se limitaram a recomendar às igrejas gentílicas: "Lembrai-vos dos órfãos e das viúvas em suas tribulações e guardai-vos da corrupção do mundo" (Tg 1.27). Por favor, desista disso e edifique a unidade em cima de fundamento mais sólido, mais bíblico e mais perene. É vindo para Cristo que

nós vamos encontrar unidade; é vindo para Cristo que somos mais condescendentes com as diferenças; é vindo para Ele que nós amamos os irmãos.

E por que caminhamos unidos? Porque somos todos iguais? Não! Mantemos a unidade porque temos um chamado e um propósito maravilhoso acontecendo entre nós. Esse chamado é mais alto que nossos muros e muretas, preferências e estilos, preciosismos e logomarcas, direitos autorais e tendências a monopolizar certas coisas. Eu não vou estragar essa unidade por causa de coisas pequenas, por causa de certos desconfortos. Por causa de certas diferenças, não vamos trocar essa glória que temos por coisas de crianças inquietas. Mas isso só acontece quando estamos em Cristo. É isso que nos tem feito crescer e vamos crescer muito mais. Deus, levante as igrejas em todos os lugares com esse espírito de unidade! Mesmo quando companheiros de ministério sistematicamente julgam todas as suas motivações, analizando e supondo os seus motivos numa postura presunçosa mantenha a Unidade. Pois quem disse que Unidade é sempre barata, fácil, agradável? Não é!

Uniformidade é quando passamos a régua e exigimos que os outros engulam as nossas preferências: "Agora vamos adotar um estilo de roupa para as irmãs. A partir de agora, elas vão usar aquelas saias compridas. Agora as mulheres devem adotar certo tipo rígido de roupas e adereços, e homens agora devem usar terno e gravata. Aqueles ternos bregas verde com marrom e um bigodinho anos cinquenta no rosto". "Ah, pastor, mas eu não gosto desse estilo!" "Mas aqui você tem que gostar, porque aqui nós estamos vivendo a unidade e qualquer coisa fora disso é desonra e deslealdade." Como assim? Isso não é unidade, é uniformidade!

Não desvalorize e nem tente impor uma linguagem que não é a desses dias, desses jovens que vivem aqui hoje! Querer regulamentar, engessar, normatizar, padronizar e legislar sobre o que nossas igrejas devem fazer e o que os nossos jovens devem adotar como padraõ de expressão é fazer o mesmo que certas igrejas pentecostais fizeram no século passado, coisas que para nós hoje parecem absurdas, como a proibição do uso de barba para homens, roupas jeans ou a prática de esportes. Precisamos ter cuidado para não fazermos a mesmíssima coisa, legislando e ingerindo sobre a linguagem dos jovens. Desista de querer normatizar abusando e ultrapassando o mandado do Senhor. Pregue as Escrituras e pare de criticar os jovens por serem jovens! Desista de enfiar as pessoas no seu uniforme!

O respeitadíssimo Bill Johnson afima algo com o qual concordo sem reservas: "O que acabou com os todos os avivamentos e moveres de Deus do passado não foram os excessos e exageros, foi o controle humano sobre o que o Senhor estava fazendo". Portanto, se quer normatizar as coisas que outros vão praticar, saiba que está violando claramente o princípio de "cada crente, um ministro" em favor de desejar ingerir, usurpar e controlar os outros. Nossa unidade deve ser sobre Cristo e sua doutrina, seus altos desígnios, seus propósitos, a visão que Ele nos deu, a comissão que nos entregou e a essência da manifestação plena da sua presença e glória. No resto, deveríamos ser totalmente flexíveis, abertos, tolerantes e inclusivos. Deus nos chamou para a unidade, e não para a uniformidade. Estamos aqui para viver essa unidade em Cristo Jesus.

Capítulo
16

Referência ou normatização?

Na mesma sequência do que acabamos de discutir, há coisas que muitas vezes nos incomodam nos outros. Temos enorme dificuldade em deixar coisas secundárias serem realmente secundárias. Se forem realmente secundárias, será mais fácil relevar, colocar no lugar, mantendo uma perfeita e plena unidade. Especialmente quando começamos a plantar muitas igrejas, iremos estabelecer referenciais. Na mesma via do que dissemos no tópico anterior, a tendência de muitos é avançar o sinal e normatizar tudo. Mas, afinal, para começo de conversa, o que é ser referência? Veja o mover de Deus no meio do nosso louvor e adoração; veja o fluir do Espírito do Senhor nos encontros; note a atmosfera poderosa de

conversões às centenas; observe como os jovens são santos e apaixonados por Cristo; veja como os jovens aqui oram com intensidade; note como nos jejuns há uma presença maciva da maioria dos nossos líderes; veja como nossos pastores todos falam as mesmas coisas e não temos entre nós fofocas e desonra; observe como o estilo de liderança é leve; como nossos pastores são quebrantados e ensináveis; note como o relacionamento dos solteiros que querem se casar é santo e transparente. Isso é referência, é modelo. Esta é a maneira suave de influenciar poderosa e profundamente as pessoas.

Por outro lado, há o método humano. Esse método se manifesta quando queremos normatizar todos os processos, etapas, ferramentas, eventos e começamos a destacar o que é secundário: a forma. "A partir de hoje, é mandatório fazer um jejum de quarenta horas, a começar na sexta-fera à noite, na décima badalada do relógio, antes de cada encontro. Toda a equipe de louvor precisa usar um uniforme e adorar de costas para o povo. O culto kids durará trinta minutos e usaremos a revista infantil enviada pela nossa Casa Publicadora. Isso passará a valer para todas as igrejas da marca". Normatização de tudo – do louvor, do encontro, das células, de cada detalhe da vida da igreja – é o caminho rápido para perdermos a visão e substituirmos o mover do Espírito pelo controle do homem.

A Palavra não é assim, o Novo Testamento não é assim. Não vemos os apóstolos dando ordem nenhuma a Paulo. Eles não normatizaram nada para ele. Eles não deram ordem para que Paulo normatizasse o mundo gentio, a prática da igreja, o culto da igreja, o estilo da igreja, o ensino da igreja. "Tende cuidado de ensinar todo o conselho de Cristo", apenas isso. Isso significa que não deve haver normatização nenhuma que não seja aquela necessária para

preservar a próopria igreja do erro e do desvio da verdade. Deus nos chamou para ser poderosa e profunda referência, mas tomemos cuidado para não transformar referência em normatização.

Fica ainda mais urgente notarmos que todos os moveres de Deus fluíram em uma manifestação contemporânea com seu linguajar, estratégias e expressão que tocaram o mundo lá fora. Há décadas, éramos fortemente contra todo o legalismo dos usos e costumes de certas igrejas pentecostais. Tais obras tornaram-se velhas, ultrapassadas, e os primeiros a abandonar aquele "barco de normatizações" foram os jovens. A Videira atraiu milhares desses jovens que viam entre nós uma expressão santa, contextualizada e de vanguarda em algo novo e genuíno que Deus estava fazendo. Portanto, não podemos e não devemos engessar, emiscuir-nos, travar, constranger ou legislar sobre o que nossos jovens vestem, usam e quais adereços são permitidos ou proibidos.

Obviamente, não me refiro aqui a coisas pecaminosas e contrárias às Escrituras. Ao contrário, refiro-me à tentativa de alguns de controlar a linguagem contemporânea, legítima e atual dos nossos jovens. Fiquem todos conscientes de que, se nós como igreja entrarmos por esse caminho legalista, certamente perderemos multidões de rapazes e moças que deixarão a versão da "Videira cafona, envelhecida" por outras expressões puras de mover de Deus, nas quais esses legalismos de controle e constrangimento não acontecem.

Capítulo

17

Inclusivos ou exclusivos?

A igreja de Cristo é, por natureza, inclusiva. Inclui principalmente os perdidos, excluídos, condenados, rotulados, as prostitutas e ladrões, gente para quem o mundo não dá alternativas. A igreja também é inclusiva quanto àqueles irmãos que não creem exatamente como nós, não pregam exatamente o que pregamos, não possuem as mesmas ênfases e nem o mesmo estilo e preferências. Alguns não praticam a cultura exata de liderança que praticamos ou a visão de células, multiplicação e discipulado que temos. Ainda assim, nosso chamado como igreja é sermos inclusivos e jamais exclusivos.

É perceptível o ambiente de uma igreja inclusiva. As pessoas entram e sentem graça no ambiente, sentem-se da família. São impactadas pela acessibilidade das pessoas, pelo interesse sincero, pela

importância genuína atribuída a quem chega. Pessoas machucadas por estruturas religiosas ou que trazem marcas profundas na alma são restaurados nessa atmosfera viva da presença de Deus. Alguém que chega machucado do mundo e encontra uma comunidade inclusiva se sentirá aceito incondicionalmente. Esta é a característica mais marcante, o resultado mais direto da mensagem da graça de Deus em uma comunidade cristã. As pessoas que vêm são adotadas nesse ambiente, são amadas, são feitas participantes daquilo que nós como família de Deus vivemos.

Já em uma obra exclusiva, pessoas são descartadas, deletadas, postas de lado pelos mais diversos motivos. Há nisso, da mesma forma, um certo "deslumbramento conosco mesmos". "Somos realmente muito bons em tudo o que fazemos. Deus ama os seus filhos, mas, quanto a nós, Ele deve ter alguma preferência. Só isso explica tanto favor. Nosso nível de revelação, de Palavra, de ensino e liderança é demais mesmo, você não acha?" Quem é exclusivo se acha realmente muito melhor que os demais, comporta-se assim e tem a tendência de erigir muros passando a ver a obra como um todo, mais como organização do que um organismo.

A única maneira de nos mantermos inclusivos é ter uma visão correta de todo o corpo de Cristo sem nos julgar melhores do que ninguém, mas como parte daquilo que Deus faz nesses dias atuais. Só assim nos manteremos abertos e saudáveis, recebendo águas e liberando as águas. Aprendendo de outros, sendo influenciados por outros e ao mesmo tempo abençoando e servindo outros irmãos.

A Vinha é isto mesmo, uma família de igrejas aberta para todo o corpo de Cristo, disposta a compartilhar, servir, apoiar e viver uma comunhão genuína com toda a família da fé. Oh! Que possamos amar a igreja, servi-la, cuidar dela e uni-la sem jamais feri-la,

constrangê-la ou maculá-la com qualquer exclusivismo dogmático, divisivo ou sectário! Somos chamados a nos manter receptivos, acolhedores, pacientes, calorosos e dispostos a integrar as pessoas na família. Jamais deveríamos expressar represália quando outras formas de linguagem estiverem borbulhando entre nós. Nos Estados Unidos e também no Brasil, os jovens hoje são caracterizados por essa geração dos "pós-millennials", que ouvem diversas fontes e em todo lugar, não recebendo mais exclusivamente do púlpito de suas igrejas. Veja a sua página do Facebook. De quantas fontes você ouve semanalmente? Você acredita realmente que conseguirá combater a linguagem das calças jeans com rasgões, os púlpitos feitos com barril de óleo ou prancha de Surf, a programação visual dos palcos das igrejas estilo "Hilsong", entre outras? Isso não deu certo no passado e não dará certo agora.

Capítulo
18

Professorais ou inspirativos?

Deus nos chamou para ser professorais ou inspiracionais. Somos professorais quando nós é que sabemos, quando controlamos o conhecimento e o outro é sempre o ignorante, quando sempre temos a razão e deixamos isso muito claro a todos. Em todo lugar que chegamos, assumimos automaticamente a posição de ensinar, fazendo questão sempre de consertar alguma coisa, acrescentar alguma observação, fazer algum ajuste, para deixar claro que somos nós que temos sempre a palavra final, e a posição de todos ao redor é de pagar tributo à nossa sabedoria inigualável. Isso é produzir gente dependente, presa com laços de alma a mestres cruéis que

sempre precisam liberar sua aprovação, a fim de que os irmãos se sintam liberados.

Acredite, eu vivi isso quando deixei o seminário, após me formar na escola bíblica. Havia ali certos pastores que faziam questão de deixar muito claro que, para eu ter a bênção de Deus, deveria voltar sempre para lhes pedir aprovação. Esse laço de alma é maldito e não produz uma igreja saudável, ao contrário, produz um bando de crentes dependentes e presos com laços de alma a seus líderes. Isso não é "cada crente, um ministro" e não é parte da aliança pelo ministério que fizemos entre nós ao estabelecermos a Videira e a Vinha.

Alguém que é professoral não suporta não ter razão e em todo lugar que chega tem que ser o centro das atenções. Alguém assim é quem sabe, quem fala, quem ensina, quem entende, enquanto todos devem manter o silêncio. Alguém professoral não consegue nunca se relacionar de igual para igual com ninguém. Não consegue ter na liderança alguém próximo no mesmo nível de fé, ousadia, entendimento, inteligencia e maturidade. Você consegue perceber que a atitude professoral humilha, sujeita os demais e é também uma forma de prender as pessoas e exercer controle?

Deus não nos chamou para ser professorais. Deus nos chamou para ser inspiracionais. Sua vida vai inspirar outros irmãos, sua fé vai inspirar outros, seu nível de santidade, de vida na cruz vai inspirar todos quantos se relacionarem com você. Deus nos chamou para ser inspiracionais, e não professorais. Ele nos chamou para ser inspiracionais com sua vida, com sua revelação, com sua expressão de Cristo.

Capítulo
19

Ortodoxia ou dogmatismo?

O termo "ortodoxia" refere-se à absoluta fidelidade à tradição apostólica do primeiro século, bem como ao *kerigma* sustentado pelos pais da igreja no segundo e terceiro séculos da era cristã. Portanto, ser ortodoxo significa manter-se fiel a Jesus e ao seu ensino. O dogmatismo, ao contrário, causa um imenso mal à igreja, pois refere-se a alguém usar de suas preferências, estilos e ênfases para impor essas coisas à força, de modo que sejam engolidas, adotadas e implementadas por toda a igreja, concordem ou não, tendo fundamento ou não.

O problema do dogmatismo é que e ele oprime, sufoca, retira a liberdade, constrange e impõe a vontade de alguém sobre os

demais membros do corpo de Cristo. O dogmatismo é divisivo e força lealdades hipócritas, pois as pessoas, mesmo não concordando, sujeitam-se sob o medo de represália, acusações de deslealdade e falta de aliança. O segundo problema do dogmatismo e dos dogmáticos é usar de uma extrema força para implementar certas posições, ficando patente, tempos depois, os exageros, os excessos e a falta de sustentação desses preciosismos humanos. Que o Senhor nos livre de transfromar cada ensino, estratégia, ferramenta, estilos, preferências e ênfases em dogma inegociável! Isso também é uma forma de exercer controle, manipulação e força. Oh! Que o Espírito Santo nos mantenha sensíveis a Ele mesmo e ao seu mover entre nós!

Capítulo

20

Ir mais rápido ou ir mais longe?

Deus nos chamou para ir mais rápido ou para ir mais longe? São duas opções e, como igreja, podemos praticar qualquer uma delas. Nós queremos ir mais rápido ou mais longe? As duas coisas não conseguem caminhar juntas. Ou nós vamos mais longe com esse critério de crescimento, com essa influência, com esse impacto, ou vamos mais rápido. Se formos mais rápidos, vamos forçar todas as estruturas da igreja e tudo vai ficar pesado, porque é preciso ter mais coisas, muito mais atividades, muito mais pressão. Aquilo que era feito com encargo, com amor, resultado de uma paixão, de um chamado, de um ideal maravilhoso cristão, agora é obrigado, agora é na força, na penha, na pressão, na chantagem

emocional. Se nós queremos ir mais rápido, tudo vai ficar pesado: o discipulado vai ficar pesado, os relacionamentos e as pessoas vão demonstrar cansaço.

Não estou dizendo que a obra de Deus não tem um preço. Não estou dizendo que servir a Deus, orar e jejuar não tem um preço. Não me entenda mal. Tem um preço, sim, há desgaste nisso, isso é óbvio. Mas lá na frente você vai ter tempo para recobrar o ânimo. Você vai recarregar as baterias, vamos voltar a orar, vamos voltar a ter paixão por Jesus; até a próxima estação, quando vamos sair para evangelizar novamente, multiplicar as células, crescer novamente. Mas se nós queremos ir mais rápido em vez de ir mais longe, todas as estruturas estarão pressionadas e, em algum momento, o crescimento começa a cair. Daqui a pouco, as pessoas começam a desistir do modelo de igreja que tira sangue da jugular. Já vimos isso acontecer com outros modelos de igrejas em células que já começaram por aí ao nosso redor.

Ir mais longe significa amar esses jovens e levá-los à plenitude da igreja. Significa amar os adolescentes até eles amadurecerem. Significa também amar as crianças que estão correndo no nosso meio, as quais levarão esse mover de Deus entrando no século XXII. É essa geração que vai tocar o início do século com o mover de Deus. Queremos ir mais longe, não necessáriamente ir mais rápido. Ir mais longe significa manter a qualidade, a paixão, o nível do fluir da presença de Deus entre nós, o nível de discipulado de maneira saudável, correta, bíblica. Manter esse desafio de edificar esse sonho de avivamento, de ser uma geração que toca nações. Este deve ser o nosso coração.

Se queremos ir mais rápido porque outros modelos estão avançando e não podemos ficar para trás, uma hora vamos esbarrar nos

conflitos da pressão do crescimento. Ir mais longe significa que talvez o crescimento não seja 100% ao ano, nem 60%, nem 40%, mas quando a igreja tiver grande e tivermos um crescimento de 25% em longo prazo, esse crescimento será exponencial, poderoso, com intensidade e qualidade nas bases, com liderança bem treinada, apaixonada por Cristo. Não é gente formada na obra a custa de supletivo.

Que obra estamos edificando com todos os potenciais que Deus colocou ao nosso lado, com o seu tempo, dinheiro, inteligência, liderança, disposição de trabalho, presença, família, filhos? Eu coloquei tudo nessa obra, não tem nada meu. Pus tudo que é de mais importante nessa obra: um filho que é obreiro; outro é pastor; outro que é militar e lá no meio da África ganhou dois amigos, esvaziou um container de armas, encheu de água e os batizou no meio do deserto.

Sabe por que o mover de Deus de Davi acabou em Roboão? Porque, quando Davi morreu, Roboão, o netinho, tinha apenas um ano de idade. Não deu tempo de falar da glória de Deus, da Arca da Aliança e do Monte Sião. Não deu tempo de encher o coração de Roboão das histórias dos avivamentos e dos moveres de Deus. Não deu tempo de deitar na cama com ele e contar-lhe como a glória de Deus tomava o tabernáculo, como a presença de Deus fluía adorando a Arca vinte e quatro horas e vinte e quatro turnos diariamente. Não deu para encher o coração de Roboão falando de Samuel, da unção de Deus. Então, Roboão virou um "Robobão", dividiu o reino.

Quando os exércitos dos inimigos vieram, levaram os tesouros da casa do Senhor, levaram todo o ouro, e ele não se importou, substituiu-os por bronze. "Dê uma polidinha que vai ficar bom

e ninguém vai notar a diferença." A crentolândia evangélica não se preocupa com conteúdo, contanto que tenha louvor, contanto que o povo venha e continue contribuindo, está tudo do mesmo jeito, só tem um detalhe, não tem mais glória, não tem mais unção, não tem mais vida, não tem mais mover de Deus. Está tudo do mesmo jeito, só não tem mais o ouro. O ouro foi embora, a glória de Deus foi embora. Roboão, a terceira geração, não tinha mais o coração, não tinha mais encargo. Aquele mover que poderia ter ido mais longe, foi mais rápido, porque trocou o ir mais longe pelo ir mais rápido.

Você deseja ser instrumento de uma poderosa manifestação de Deus? Essa obra que estamos edificando é nossa, não é de outro, é nossa. Queremos ver nossos filhos e netos crescerem nesse ambiente, crescerem em amor e paixão por Jesus; queremos consagrá-los ali nesse ambiente e, algum dia, ao nos descerem à sepultura, que possam dizer a nosso respeito: "Aqui vai um homem de Deus que amou a Jesus com todas as consequências e que viveu em plenitude a vida da igreja".

Capítulo

21

Generosidade ou monopólio?

Todo mover soberano de Deus começa com uma maravilhosa atmosfera de generosidade. Desejamos ver aquilo que Deus está fazendo entre nós espalhando-se e abençoando tantos quantos Ele desejar. O testemunho que vemos no livro dos Atos dos Apóstolos era de que todos aqueles que possuíam propriedades as vendiam e com o produto da venda supriam as necessidades do povo de Deus. A Bíblia ainda acrescenta: "Ninguém considerava coisa alguma exclusivamente sua [...]" (At 4.32). Esta era a atmosfera de extravagante generosidade daquela igreja apostólica sob a ação maravilhosa do Espírito Santo. Generosidade em compartilhar

material, visão, estratégias e tudo o que temos. D'Ele recebemos e para Ele consagramos ao servir liberalmente a igreja.

Na mesma via de "cada crente, um ministro; cada igreja local, um poderoso centro de influência apostólica; cada pastor, um frutífero líder apostólico", não faz sentido monopolizar nada que se refere ao treinamento dos santos, como os cursos para formação de liderança, batismo, material das escolas bíblicas para casais, jovens e adolescentes, para uso nos cultos kids e nas células de adultos e crianças. Todo esse material deve ser compartilhado liberalmente e oferecido como propriedade da igreja. Se alguém tem expectativa de ganhar algum lucro com a produção de material, deve ir para o mercado concorrer de igual para igual com todas aquelas igrejas que desejam fazer isso e aquelas localidades que desejam produzir o seu próprio material.

Na via da iniciativa pessoal de pastores e autores na nossa família de igrejas, deveríamos estimular e nunca sufocar, impedir, proibir ou constranger os irmãos de usar material "legítimo" sob o constrangimento de que aquilo que produzem é "apócrifo". Em nenhuma hipótese, deveríamos impedir a rica iniciativa de cada crente, cada pastor e cada igreja local naquilo que não são os nossos cursos principais.

Generosidade, liberalidade ou monopólio, controle? Nosso papel é promover, estimular, encorajar, apoiar iniciativas e capacidades riquíssimas que estão presentes em nossas igrejas todas.

Capítulo

22

A maldição dos moveres de Deus

Tenho observado inúmeros moveres de Deus que avançam até certo ponto, causam um bom impacto com seu crescimento e referencial, mas, após uma ou duas décadas, declinam em meio a divisões e perda da glória e fluir de Deus. Simplesmente param de crescer e ficam para trás, representando um saudosismo de alguns e a perplexidade de outros. Por quê? Muitas obras que foram para nós modelo ficaram paradas em algum lugar do passado e hoje representam mais retrocesso do que avanço. Por quê?

Todo grande mover de Deus cresceu, permaneceu e está aqui até hoje. Você pode ter objeções pontuais acerca dos batistas, presbiterianos, metodistas ou em relação às Assembleias de Deus, mas

o fato é que permaneceram e estão aí até hoje. Assim, o primeiro aspecto a ser levado em conta sobre os moveres de Deus do passado é perguntar se eles permaneceram. Se continuaram a crescer e avançar numericamente, isso é outro problema. Entretanto, há muitos moveres de Deus que foram ficando no passado e, à medida que as décadas vieram, desapareceram.

Se você ler a história da igreja, muitos moveres de Deus não chegaram até nós. Durante essas quatro décadas desde que me converti até aqui, tenho visto inúmeros moveres de Deus que ficaram para trás. Simplesmente passaram. Por quê? O que foi colocado sobre o fundamento? Esta é a pergunta, e aqui esse critério não é meu, é de Paulo. O que se coloca sobre o fundamento determina duas coisas, de acordo com o apóstolo: crescimento e permanência de uma obra.

Em relação à obra sobre a qual o Senhor nos colocou, ninguém questiona se há um mover de Deus. Os resultados em vidas salvas e transformadas, igrejas plantadas e líderes treinados já testemunham por si próprios. Ninguém questiona se há um agir do Espírito Santo. A grande questão é: vamos crescer? Segundo, vamos permanecer? Para tanto, não se avalia um diagnóstico de poucos anos. São necessários trinta, cinquenta anos para mensurar a consistência e o impacto de uma obra.

Qual é, pois, a maldição dos moveres de Deus? Começam bem, causam grande impacto, produzem um crescimento surpreendente e a seguir declinam e desaparecem. Nessa ordem. O diagnóstico de Paulo é que o que se coloca sobre o fundamento será determinante para essas duas coisas: crescimento e permanência. O que estamos colocando sobre o fundamento? Queremos ir mais rápido ou desejamos permanecer, ir mais longe? Ir mais rápido fala dessas

obras que não permaneceram. Puderam crescer, mas o problema delas todas não foi esse. Não foi o impacto através de um modelo inovador, de usarem a mídia, de terem ido para a televisão.

Em São Paulo, surgiram inúmera igrejas poderosas. Não é conveniente mencionar aqui o nome delas, mas todas tiveram seus dias de glória. Surgiram, cresceram, causaram surpresa e declinaram. Em alguns casos, alguma coisa permanece de pé, contudo sem nenhuma marca ou impacto. Em outros casos, tudo desapareceu. Não há mais nada. Assim, a questão não é apenas o crescimento. O que completa a equação é a segunda questão: permaneceu? Ir mais rápido significa não estarmos preocupados com o longo prazo, estarmos com todo o foco apenas no já, no imediato, neste único momento; não nos preocuparmos se daqui a quinze anos esta obra permanecerá.

A maldição dos moveres de Deus é que eles vão rápido, mas a grande maioria perece pelo caminho e não permanece. A pergunta é: nós vamos mais longe? Vamos permanecer? Este é o ponto. O que que nos leva a permanecer? A glória de Deus continuar fluindo, presente, marcante, o temor pelo fluir do Espírito Santo, pela graça de Deus em nós, líderes que amam a presença de Deus, que valorizam sua santa presença, que consideram central, inegociável essa vida de Deus é o que vai determinar se nós vamos mais longe. Esse fluir é o que continua atraindo jovens e gente disposta a tudo pelo Senhor. Há um sintoma bom entre nós. Hoje, somos mais ou menos 370 mil pessoas. Qual é o bom sintoma? Desse número, temos cerca de 100 mil crianças, as quais são a terceira geração. A primeira geração somos nós; a segunda são os irmãos que estão entrando no ministério agora; a próxima geração são esses

meninos que hoje estão correndo no meio do culto, nossas células de crianças, e são eles que levarão essa obra até o fim deste século.

Várias igrejas poderosas entre as Comunidades, que representaram uma maravilhosa vanguarda na década de 90, hoje tornaram-se monumento ao passado. Igrejas maravilhosas que nos atraíram para alguns grandes centros no Brasil e tanto nos influenciaram tornaram-se também um espectro melancólico de quem tem discurso, mas nada manteve do mover de Deus de outrora. Por quê? Pelos mesmos motivos descritos acima. Este, portanto, é o momento em que, como obra, devemos reafirmar a nossa aliança por algo superior, apostólico, no sentido bíblico, ter consistência sobre a "tradição apostólica" da igreja tão claramente manifesta através da visão neotestamentária do "cada crente, um ministro; cada casa, uma igreja; cada igreja, um centro de influência apostólico; e cada pastor, um líder a construir seu sonho, cumprindo seu chamado de crescer e investir igualmente nos seus discípulos, em sua equipe e demais santos.